



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - FCI
GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

COMPORTAMENTO DE BUSCA, ACESSO E USO DA INFORMAÇÃO SOBRE
SAÚDE ESPORTIVA POR PRATICANTES DE JIU-JITSU NO DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA, DF
2020

JORGE LUIZ QUINTILIANO MOURA SILVA

**COMPORTAMENTO DE BUSCA, ACESSO E USO DA INFORMAÇÃO SOBRE
SAÚDE ESPORTIVA POR PRATICANTES DE JIU-JITSU NO DISTRITO FEDERAL**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Biblioteconomia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Me. Elton Mártires Pinto

BRASÍLIA, DF
2020

Silva, Jorge Luiz Quintiliano Moura

SI586c Comportamento de busca, acesso e uso da informação sobre
saúde esportiva por praticantes de jiu-jitsu no Distrito Federal / Jorge
Luiz Quintiliano Moura Silva; orientador Elton Mártires Pinto. --
Brasília, 2020.

58 p.

Monografia (Graduação - Biblioteconomia) -- Universidade de
Brasília, 2020.

1. Comportamento Informacional. 2. Informação e Saúde. 3. Jiu-
jitsu. I. Mártires Pinto, Elton, orient. II. Título.

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

Título: Comportamento de busca, acesso e uso da informação sobre saúde esportiva por praticantes de jiu-jitsu no Distrito Federal.

Autor(a): Jorge Luiz Quintiliano Moura Silva

Monografia apresentada remotamente em **08 de janeiro de 2021** à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador(a) (FCI/UnB): Elton Mártires Pinto

Membro Interno (FCI/UnB): André Luiz Appel

Membro Externo (Biblioteca Mário de Andrade - SP): Bruna Pimentel Lopes

Em 22/01/2021.



Documento assinado eletronicamente por **André Luiz Appel, Usuário Externo**, em 22/01/2021, às 12:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Elton Mártires Pinto, Usuário Externo**, em 22/01/2021, às 17:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Bruna Pimentel Lopes, Usuário Externo**, em 22/01/2021, às 18:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Jorge Luiz Quintiliano Moura Silva, Usuário Externo**, em 25/01/2021, às 14:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por me sustentar nos momentos mais difíceis e me mostrar que a persistência na adversidade nos faz mais fortes. Por cada experiência vivida até aqui, e pelo seu maior sacrifício de amor, sou grato e cheio de esperança.

Agradeço aos meus pais Jorge Luiz Quintiliano Pereira da Silva e Luana Moura Leal dos Santos, que com todo carinho e esforço, me deram a possibilidade de ter uma exímia educação e me tornar muito mais do que um profissional responsável, mas um homem de bom caráter e disposto a transmitir o amor que recebi para as pessoas ao meu redor. Muito obrigado, meu diploma não é capaz de pagar suas noites mal dormidas e suas horas extras para me proporcionar um futuro melhor, minha eterna gratidão a vocês e a toda nossa família.

Ao meu Orientador Elton Mártires Pinto, por toda motivação, dedicação integral, compromisso e por me fazer acreditar que era possível. Reitero que sua participação neste trabalho foi o que possibilitou a materialização dele. Nossa faculdade necessita, cada vez mais, de professores comprometidos como você.

A todos amigos e colegas, pessoais ou que passaram por mim durante essa graduação. A cada trabalho em grupo, cada almoço, cada desabafo que pude ter com vocês, isso possibilitou eu expandir meu pensar, meu agir e somou para me tornar um profissional melhor, meu muito obrigado por todos ensinamentos e por tornar a experiência de estudar na UnB muito mais alegre e leve. A minha namorada, por acreditar em mim quando eu estava incapacitado de acreditar, por me apoiar e ajudar a superar toda aflição e ansiedade, por todo amor e cuidado. Muito obrigado!

A Universidade de Brasília, por ser uma instituição que forma pessoas para fazer a diferença no mundo, e pela experiência de estudar em uma das melhores universidades do país podendo contar com professores e colaboradores como: Rita Caribé, Fernanda Monteiro, Marcio Bezerra da Silva, Fernanda Passini Moreno e o competentíssimo Reginaldo Olegário das Neves Alves. Vocês são profissionais incríveis e tornam a nossa faculdade um lugar que pulsa ciência e muito aprendizado, obrigado a todos!

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo compreender como praticantes de jiu-jitsu do DF buscam, acessam e utilizam informações em relação à saúde esportiva ao longo de seus treinos. Para tal, utiliza abordagem qualitativa com caráter descritivo. Para a coleta de dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada com roteiro prévio e norteada pelo modelo conceitual. Em seguida, os dados foram descritos e analisados via codificação e categorização temática. Por fim, os resultados demonstram que, embora os comportamentos informacionais dos praticantes de jiu-jitsu sejam destoantes, uma grande parcela dos sujeitos desta pesquisa relatou buscar, acessar e utilizar informações sobre saúde esportiva ao longo da prática de jiu-jitsu. Com esses resultados foi possível compreender que as necessidades de informação dos praticantes derivam de dores e incertezas, evoluem para o acesso da informação por meio de comportamentos de busca ativa e passiva e trazem transformações na prática do jiu-jitsu para os indivíduos, ao decorrer do uso da informação recuperada.

Palavras-chave: Comportamento informacional. Praticantes de Jiu-jitsu. Saúde Esportiva.

ABSTRACT

This research aims to understand how Brazilian jiu-jitsu practitioners in Brasília-DF seek, had access and use information in relation to sports and health throughout their training. To achieve this goal, it uses a qualitative approach with a descriptive character. The data collection took place through a semi-structured interview with a previous script and being guided by the conceptual model. Posteriorly the data were described and analyzed via thematic coding and categorization. Finally, the results demonstrate that, although the informational behaviors of jiu-jitsu practitioners are disagreeable, a large portion of the subjects in this research reported seeking, accessing and using information on sports health throughout the practice of jiu-jitsu. With these results it was possible to understand that the practitioner's information needs stem from pain and uncertainty, evolve to access information through active and passive seek behavior and bring changes in the practice of jiu-jitsu by individuals while using the retrieved information.

Keywords: Brazilian jiu-jitsu practitioners. Information behavior. Sports Health

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Necessidades e busca da informação de Wilson	19
Figura 2 – Modelo de Ellis	21
Figura 3 – Modelo de Ellis atualizado por Tabosa e Pinto	21
Figura 4 – Processo de busca da informação de Kuhlthau	22
Figura 5 – Modelo de uso da informação de Choo	25
Figura 6 – Modelo de busca da informação de Wilson	27
Figura 7 – Modelo revisado de comportamento informacional	28
Figura 8 – Modelo conceitual da pesquisa	32
Figura 9 – Quadro de dados pessoais da amostra	35
Figura 10 – Relação entre objetivos e perguntas do roteiro	50

LISTA DE SIGLAS

ARIST	Annual Review of Information Science and Technology
CI	Ciência da Informação
CREMESP	Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo
DF	Distrito Federal
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
IBJJF	International Brazilian Jiu-jitsu Federation
ISP	Information Search Process
LAISS	Laboratório Internet Saúde e Sociedade
OMS	Organização Mundial da Saúde
SARS-COV-2	Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2
TKD	Academia de lutas Team Neneco MMA
TV	Televisão
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. Problema da pesquisa	11
1.2. Objetivos	11
1.2.1. Objetivo geral	11
1.2.2. Objetivos específicos	11
1.3. Justificativa	11
2. REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1. Comportamento informacional (necessidades, busca e uso)	14
2.2. Estudos de comportamento informacional no contexto da saúde	29
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	32
3.1. Modelo conceitual da pesquisa	32
3.2. Caracterização e plano de pesquisa	33
4. ANÁLISE DE RESULTADOS	35
4.1. Categorias pré-descritas no modelo conceitual da pesquisa	35
4.2. Análise de cada categoria e relação com a literatura	35
4.2.1. Necessidade de informação	35
4.2.2. Busca da informação	40
4.3.3. Uso da informação	44
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
6. REFERÊNCIAS	53
7. APÊNDICE	57

1. INTRODUÇÃO

Ao longo de sua construção e desenvolvimento, a CI tem perpassado diferentes paradigmas e diversas abordagens. No tocante ao comportamento informacional, isto é, comportamentos empregados durante a busca, acesso e uso da informação, estudos têm sido desenvolvidos tanto pela lente cognitiva como pela lente social. A totalidade desse campo de pesquisa, engloba, além dessas fontes de informação virtuais, fontes em outros suportes físicos, bem como fontes informais. Esse campo estuda como surgem as necessidades de informação, como os indivíduos buscam e acessam essas informações, seus sistemas e por fim como aplicam o novo conhecimento em suas vidas por meio do uso da informação.

Desde a década de 1970, procura-se compreender como se dá a interação dos indivíduos com a informação e como essa interação pode alterar o estado de conhecimento de cada um, observando suas características sociais, cognitivas, financeiras e culturais, uma vez que interferem em como se dá essa interação.

Atualmente, no campo da saúde, tem sido possível observar um uso massivo de instrumentos tecnológicos nas diversas áreas de interesse da vida humana, sobressaindo-se aos outros tipos de suporte de fontes informacionais. Parte disso se deve à democratização da rede de computadores, que conseqüentemente ampliou o número de acessos à informação específica sobre saúde. Integrando-se às áreas médicas, sobretudo a saúde esportiva, nesse trabalho explora-se a multidisciplinariedade da CI uma vez que por meio do levantamento de literatura surgiram termos e modelos da saúde que se relacionam diretamente com o comportamento informacional, tornando importante essa integração entre as áreas.

Nesta pesquisa, a partir de um modelo conceitual, traçou-se o caminho que a pesquisa deveria percorrer, por meio da abordagem qualitativa foi feita uma categorização na análise de dados, e foi possível compreender que as necessidades dos praticantes derivavam de suas dores ou baixa performance, para solucioná-las os mesmos recorriam à internet e aos conselhos de colegas e por fim conseguiam sanar seus problemas modificando sua forma de praticar jiu-jitsu.

1.1. Problema da pesquisa

Como os praticantes de jiu-jitsu do DF buscam, acessam e utilizam informações no tocante à saúde esportiva?

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo geral

Analisar como os praticantes de jiu-jitsu do DF buscam, acessam e utilizam informações no tocante à saúde

1.2.2. Objetivos específicos

- a) Caracterizar, fundamentado na literatura, comportamentos de busca, acesso e uso da informação;
- b) Investigar necessidades e comportamentos de busca, acesso e uso da informação de praticantes de jiu-jitsu no DF no tocante à saúde esportiva;
- c) Identificar relações entre os comportamentos informacionais e a saúde esportiva ao longo da prática de jiu-jitsu.

1.3. Justificativa

A informação quando utilizada, torna-se capaz de transformar hábitos e sociedades. Ao olhar para o histórico da humanidade é possível enxergar como a difusão da informação em larga escala foi e ainda é poderosa para o avanço do conhecimento. Segundo Belkin (1980) isso se dá através da alteração do estado do conhecimento, visto que na tentativa de preencher uma lacuna em seu estado de conhecimento, os indivíduos recorrem a informações que os alteram e, conseqüentemente, modificam a forma com que essas pessoas interagem com a sociedade onde estão inseridas.

Na atualidade, é possível observar a crescente criação de informação, com isso o número de acessos à informação sobre saúde também cresceu, trazendo a preocupação de se os usuários possuem a literacia¹ em saúde necessária para não

¹ Por ainda não existir consenso no campo da CI a respeito da terminologia da tradução da palavra *literacy*, optou-se nessa monografia por utilizar a palavra literacia, uma vez que o trabalho está diretamente relacionado com a área da saúde e essa é a terminologia utilizada pelos pesquisadores da área. Faz-se importante ressaltar que a autora Gasque (2010) utiliza termos como letramento informacional, competências informacionais, e alfabetização informacional, com um valor semântico

causar danos a sua saúde ou a de pessoas próximas. A OMS (1998) define literacia em saúde como as “competências cognitivas e sociais e a capacidade dos indivíduos para ganharem acesso, a compreenderem e a usarem informação de formas que promovam e mantenham boa saúde”, tornando-se algo indispensável para assegurar a saúde dos usuários da informação. Dessa maneira, os profissionais da saúde e de informação precisam compreender o comportamento de diversas populações em relação à informação, sobretudo em um ambiente livre como na Internet, para criar medidas que irão assegurar que os conteúdos disponíveis possam se tornar cada vez mais fidedignos, de qualidade e que proporcionem a melhoria da saúde da população. Diante desse cenário, surgem novas problemáticas sobre o uso e acesso da informação por parte dos usuários de informação no tocante à saúde, onde o estudo do comportamento informacional de determinadas populações torna-se de suma importância.

Conforme essa ideia de estudar o comportamento informacional no tocante à saúde de determinadas populações, no presente estudo optou-se por investigar esse assunto nos praticantes de jiu-jitsu do DF. Esses praticantes, assim como de outros esportes, procuram melhorar sua performance e para isso recorrem à informação sobre saúde esportiva. Portanto, ciente de que o jiu-jitsu é uma das artes marciais que possuem o maior número de praticantes do Brasil, compreender o comportamento informacional dessa população, torna-se relevante.

Também conhecido como arte suave, o jiu-jitsu é uma luta que permite que um oponente menor e mais fraco, derrote um maior e mais forte, por meio de alavancas, chaves e estrangulamentos. Desse modo, acabam ocorrendo, ocasionalmente, determinadas lesões. Sendo de grande importância para os atletas, as informações sobre saúde, bem como prevenir, identificar e tratar essas lesões. A prática esportiva é essencial para promoção da saúde, nesse sentido, a segurança da saúde dos praticantes de esportes, também se faz importante. Além das lesões existem outras áreas de interesse dos esportistas, como a nutrição adequada para a prática, a suplementação, o doping e outras a serem levantadas por esse estudo. Visto essa interação com a informação dos praticantes por meio de busca, acesso e uso, torna-se pertinente adentrar no campo da CI, para compreender como esse processo

mais aproximado da palavra *information literacy*, sendo também aqui, a intenção conceitual, utilizando a palavra literacia, como em outros trabalhos da CI em língua portuguesa.

ocorre.

A fim de contribuir com a literatura, o presente estudo do comportamento informacional sobre saúde é relevante, pois embora existam diversos estudos relacionando o comportamento informacional à área da saúde, na CI, não recuperam-se nas bases dados², estudos que abordam a temática de comportamento informacional com foco na área esportiva, mais especificamente na prática do jiu-jitsu. Ao adentrar no campo do esporte, o estudo torna-se relevante também para esportistas, explorando a multidisciplinariedade da CI, característica essa, importante para a área, ressaltada por Saracevic (1996) como uma das razões da existência da Ciência da informação.

² Base de dados utilizadas: Google Scholar, Microsoft Academic, SciELO, Brapci e E-LIS.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Necessidades de informação e comportamento informacional (busca, acesso e uso)

Este tópico aborda os temas necessidades, busca e uso da informação sob a ótica de autores clássicos e contemporâneos. Nesse sentido, trataremos aqui questões relacionadas à: como surgem as necessidades, de que forma se expressam e comportamentos e práticas de busca e uso da informação.

Ao realizar um levantamento bibliográfico sobre necessidades de informação, Bettiol (1990) identificou dificuldades na definição de termos como “necessidades de informação” e “estudos de usuários”. Embora os estudos nos campos tenham avançado significativamente, ainda são considerados termos complexos.

Isso se deve, sobretudo, pela subjetividade do campo. Para Cruz et. al. (2011) o campo é multidimensional. Sendo assim, além de observar a necessidade de informação de um indivíduo de modo genérico, faz-se importante analisar fatores externos, como o contexto social no qual ele está inserido, a capacidade cognitiva, a posição que ele ocupa em uma organização, entre outros.

Num panorama histórico, Bettiol (1990) ressalta que, em grande parte dos estudos de usuários, a identificação das necessidades de informação é realizada de modo limitador, uma vez que priorizam o desenvolvimento de sistemas de transferência da informação, e não as necessidades reais dos usuários.

Fundamentada em alguns autores do campo, Bettiol (1990) apresenta uma série de citações onde o conceito aparece de modo amplo. Totterdel e Bird (1976 *apud* Figueiredo, 1983, p. 53.), condensaram as necessidades de informação para o entendimento da atividade bibliotecária em três formas:

- I) Necessidade não ativada ou não sentida: Necessidades que os indivíduos ainda não sabem que possuem, uma vez que elas são diretamente relacionadas com o convívio social e só são percebidas após serem adquiridas ou ativadas pelo meio em que o indivíduo está inserido;
- II) Necessidade não expressa: Necessidades que os indivíduos estão cientes de sua existência, porém não procuram uma biblioteca

(centro de informação) para supri-las. Isso ocorre tanto por aversão ao ambiente como pelo desconhecimento da área de trabalho de uma biblioteca (centro de informação);

III) Necessidade expressa: Necessidades que os indivíduos têm e sabem como supri-las, porém, direcionam-se a uma biblioteca (centro de informação) intencional ou não intencionalmente quando imaginam um potencial de solução de suas questões. Cabe ressaltar que, inicialmente não pensam em utilizá-la para este fim.

Neste contexto, Figueiredo (1983) explicita a importância e a capacidade das bibliotecas em identificar necessidades não expressas e convertê-las em necessidades concretas para os usuários que ainda não as sentiram/perceberam tais necessidades.

Fundamentada em Crawford (1978), Bettiol (1990) pontua os diferentes níveis de consciência que surgem durante o processo de busca da informação. A autora destaca também a dificuldade de cercear e definir o conceito de necessidade de informação quando o indivíduo torna mais específico o seu problema.

Para traçar as necessidades de informação de cada indivíduo, Wilson (1981) utiliza as características pessoais, levando em consideração, sobretudo, o meio social, cultural e físico. Os estudos de Wilson vão a contraponto às formas em que os estudos anteriores eram realizados, onde o foco estava em como/onde os indivíduos obtinham informações.

Ressalta-se que os estudos iniciais sobre necessidades e busca da informação focavam nos sistemas de informação e não nos indivíduos que interagem com esses sistemas. Os sistemas de informação, por sua vez, eram apropriados a pesquisas avançadas, distanciando-se assim dos indivíduos que procuravam informações mais simples. Corroborando com isso, Wilson (1981) relata uma necessidade de mudança no foco dos estudos para explorar as necessidades de informação básicas dos indivíduos.

Assim marcou-se uma importante transição entre os estudos operacionais para

os estudos focados no comportamento de busca como um todo, Wilson (1981) enfatiza isso falando sobre como o tema adentra em outras áreas, para além da Ciência da informação, como psicologia ao olhar para o comportamento, administração na tomada de decisões e ainda inovação, comunicação em saúde e pesquisa ao consumidor, ao englobar diversas áreas. Ainda nesse trabalho Wilson (1981) fala sobre as variáveis manifestas que interveem no comportamento informacional dos indivíduos, mais adiante mostrado na *figura 7*, extrapolando o campo cognitivo e adentrando-se em necessidades desde relacionais com ambiente inserido, até em necessidades fisiológicas. Visto isso, posteriormente surgiram definições sobre essas necessidades.

Após a conclusão de seu levantamento bibliográfico, Bettiol (1990) define necessidade de informação como “uma premência de saber, compreender ou descrever um determinado assunto”. A intensidade da necessidade de informação varia de acordo com o indivíduo e surge com o objetivo de esclarecer uma realidade que emerge do ambiente sócio-político-cultural que afeta e inclui o usuário.

Dito isso, ao relacionar as necessidades intrínsecas com os fatores externos, Choo (2006) afirma que:

- Necessidades e usos da informação devem ser analisados dentro de seus contextos, olhando para as características sociais, profissionais e organizacionais de cada indivíduo, e ainda, os requisitos da tarefa que ele está realizando;
- As fontes informais (conversa com colegas, por exemplo) são também de suma importância. Por isso é interessante levar em consideração esse tipo de informação;
- Diversos critérios podem influenciar a escolha e o uso de informações, inclusive o acesso.

Com isso, satisfazer as necessidades de informação de um indivíduo extrapola a percepção das dificuldades do mesmo, bem como o uso de estratégias de busca e recuperação da informação pode suprir tais dificuldades. Olhar para as necessidades é olhar para diferentes estados de conhecimento e múltiplos níveis (internos e externos) (CHOO, 2006).

Neste contexto, a busca e o uso da informação são processos dinâmicos e socialmente desordenados dividindo-se em camadas de contingências cognitivas, emocionais e situacionais (CHOO, 2006). Partindo deste ponto, o autor entende que o usuário é uma pessoa cognitiva/perceptiva e que a busca e uso da informação são feitos de um processo dinâmico que se perdura no tempo e espaço, tornando assim, uma informação relevante e útil conforme o contexto em que ela é utilizada. Assim, quanto maior a conexão da informação com as necessidades viscerais de um indivíduo, mais elas terão significado.

Ressalta-se ainda que, inicialmente, a necessidade de informação é intrínseca, diz respeito a um sentimento de incerteza e intranquilidade. Ao formular questões e indagações, as incertezas dos indivíduos vão, progressivamente, se transformando em necessidades de informação concretas. Estes sentimentos estão ligados a sentidos e percepções do vazio cognitivo no qual o indivíduo se encontra, atribuindo valor a informação na qual tem significado para o indivíduo e supre sua necessidade (CHOO, 2006).

Wilson (1981), por sua vez, aborda a necessidade de informação como experiência subjetiva, através de processos cognitivos de cada indivíduo. De acordo com o autor, essas “necessidades informacionais” variam conforme o contexto em que os indivíduos estão inseridos. O pensamento de Wilson assemelha-se ao de Belkin (1980) e sua pesquisa sobre o “estado anômalo de conhecimento”. No estudo de Belkin (1980), o indivíduo, ao perceber sua necessidade de informação, busca preencher a lacuna em seu estado de conhecimento.

Pinto (2018), ao estudar o comportamento informacional de um grupo específico, ressalta a heterogeneidade entre os indivíduos na percepção de suas necessidades. Isso porque alguns indivíduos não são capazes de expressar/explicar o que necessitam, mas, por outro lado, há indivíduos capazes de expressar/explicar suas necessidades e empregar estratégias de busca e uso da informação.

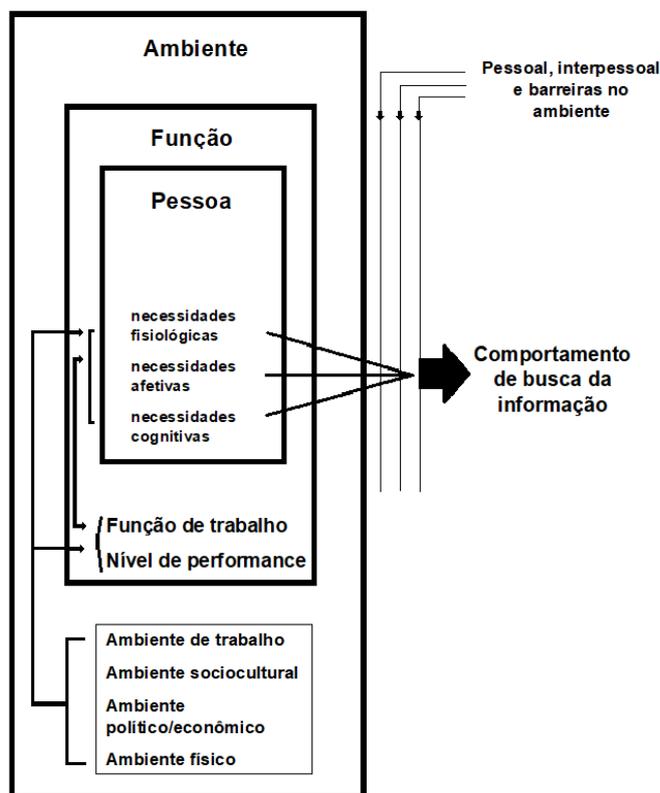
Há consenso entre os autores do campo, que no fim da década de 1970 e início de 1980, ocorreu transição quantitativa para qualitativa nos estudos de usuários da informação. Wilson (1981) e Silva (2012) abordam a mudança de paradigma nos estudos. De acordo com os autores, os profissionais da informação devem intervir nos pedidos dos usuários através da mediação, ainda que o usuário não identifique suas

necessidades de informação. Através dos serviços, o profissional da informação pode estimular os indivíduos a obter informações que possam satisfazer suas necessidades.

Ao discutir o conceito “necessidade de informação”, Wilson (1981) utiliza a conceituação de psicólogos sobre “necessidade”, focando as necessidades humanas. O autor as separa em três categorias e demonstra como as necessidades estão correlacionadas. As *necessidades fisiológicas* são essenciais para a sobrevivência dos indivíduos (beber água, comer, respirar). As *necessidades afetivas* estão relacionadas ao emocional (realização pessoal, autoestima). As *necessidades cognitivas* estão relacionadas ao aprendizado (estudar um idioma, fazer planejamos).

De acordo com Wilson (1981), as necessidades de informação são responsáveis por desencadear comportamentos de busca da informação. O autor enfatiza a cautela na adoção do termo “necessidade de informação”, uma vez que ele pode ser confundido com as necessidades humanas, explicadas acima. É possível observar, na figura abaixo, o primeiro modelo de comportamento informacional esboçado por Wilson (1981).

Figura 1 – Necessidades e busca da informação (WILSON, 1981)



Fonte: Traduzido e adaptado de Wilson (1981).

Wilson (1981) explica que ao perceber necessidades afetivas e cognitivas não necessariamente o indivíduo irá iniciar uma busca por informações. Isso ocorre devido às barreiras de informação. Entre essas barreiras estão a disponibilidade da informação e as informações incompletas.

Quanto à conceituação, Wilson (1981) define o comportamento de busca da informação como desejo intencional de obter informações. Segundo o autor, a busca surge como consequência de uma necessidade de informação. O processo de busca envolve ainda, a interação com sistemas manuais e/ou virtuais.

Saracevic (1996), por sua vez, compreende a busca não apenas como a consequência de uma necessidade de informação. De acordo com o autor, a busca compreende uma gama de processos e estratégias que auxiliam os indivíduos a encontrar informações. Corroborando com o pensamento de Saracevic (1996), Crespo e Caregnato (2003) visualiza a busca como uma ação. Nesta ação ocorre o engajamento dos indivíduos a fim de encontrar informações ou atender a propósitos.

Para Martínez-Silveira e Oddone (2007), a busca da informação está relacionada à satisfação de um objetivo. Tal busca é chamada por Wilson (2000) de busca ativa. Nas palavras do autor, na busca ativa, isto é, intencional, os indivíduos buscam informação em sistemas formais e informais. Além da busca ativa, Wilson (2000) apresenta a busca passiva, onde o indivíduo recebe informações as quais não desempenhou esforços para encontrá-las.

Na busca ativa, acredita-se que variáveis influenciadas por fatores pessoais, sociais e culturais interferem no modo como os indivíduos procuram informações. Tais variáveis estão associadas à vivência dos indivíduos e seus conhecimentos prévios em relação aos canais e fontes de informação (WILSON, 2000; CHOO, 2006; SARACEVIC, 1996; PINTO, 2018).

Neste contexto, ressalta-se a atualização do modelo de comportamento informacional publicado por Wilson em 1981. Devido ao crescimento da CI quanto campo, bem como os avanços em ciência e tecnologia, Wilson e Walsh (1996) revisaram e atualizaram o modelo de 1981. No modelo revisado foram elencadas às seguintes variáveis: pessoais; emocionais; educacionais; demográficas; sociais/interpessoais; ambientais; econômicas; relacionadas a fontes.

Choo (2006) entende a busca da informação como um agente transformador de conhecimento. O autor afirma que a busca é um processo em que o indivíduo interage com informações com o objetivo de alterar o seu estado de conhecimento. Ou seja, pode-se pressupor que na etapa de busca o indivíduo já identificou a falta de conhecimento.

O modelo de Ellis (1989) parte deste pressuposto. Ellis foi um dos percussores da abordagem cognitiva. Através da lente cognitivista o autor propôs um modelo de busca da informação que conseguia identificar características particulares de cada indivíduo no processo.

O modelo de Ellis (1989) compreende seis etapas: 1) iniciar; 2) encadear; 3) diferenciar; 4) extrair; 5) verificar; 6) finalizar. O modelo descreve passos que os indivíduos geralmente percorrem ao longo do processo de busca da informação. Segundo o autor, não necessariamente os indivíduos seguem a ordem apresentada no modelo.

Figura 2: Modelo de Ellis (1989)

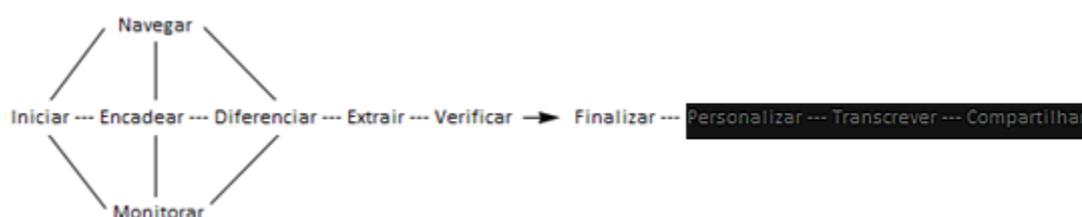


Fonte: Martínez-Silveira e Oddone (2007),

Na iniciação são identificados e levantados documentos-chave para a busca. No encadeamento ocorre o acompanhamento de referências citadas nos documentos levantados na iniciação. Na navegação inicia-se o processo de busca semidirecionada. Na diferenciação, os indivíduos filtram as fontes e a qualidade dos materiais. No monitoramento, há o acompanhamento das fontes selecionadas anteriormente. Na extração as informações de interesse são extraídas (PINTO, 2018).

O modelo de busca de Ellis (1989) é amplamente aceito na CI. Segundo Tabosa e Pinto (2016), outros pesquisadores não viram a necessidade de corrigi-lo, mas sim de ampliá-lo. Nesse sentido, Crespo (2005) e Barros (2008) adicionaram duas categorias ao modelo: personalização e transcrição. Tabosa e Pinto (2016), por sua vez, adicionaram o compartilhamento como última etapa do modelo. Assim, o modelo passa a compreender as redes sociais. A figura abaixo apresenta o modelo de Ellis (1989) com ampliações.

Figura 3: Modelo de Ellis (1989) atualizado por Tabosa e Pinto (2016):



Fonte: Adaptado de Tabosa e Pinto (2016).

Choo (2006) e Tabosa e Pinto (2016) ressaltam que o modelo de Ellis (1989) ainda se aplica bem aos processos de busca dos dias atuais. A **iniciação** relaciona-se com a formulação de questões em buscadores como o *Google*. O encadeamento, por sua vez, compreende, por exemplo, a abertura de diversas fontes em abas diferentes de um navegador. A navegação se dá no universo de fontes relacionadas.

O monitoramento pode ser observado no monitoramento de *sites* e blogs. A diferenciação encaixa-se na utilização de filtros disponíveis para a obtenção de informações relevantes. A extração pode ser visualizada a partir de um *download* de um texto *pdf*. A verificação diz respeito à confiabilidade de *sites* e *links*. A finalização é de fato o fim da pesquisa. Por fim, as etapas “personalizar, transcrever e compartilhar” são inseridas no modelo para aumentar à fonte das letras, possibilitando melhor leitura; alterar o nível de brilho, possibilitando conforto; e utilizar atalhos do teclado.

Carol Kuhlthau (1991) desenvolveu um modelo semelhante ao de Ellis (1989). O modelo chamado de *Information Search Process* (ISP) apresenta perspectiva fenomenológica, que relaciona o modelo de Ellis (1989) com os sentimentos dos indivíduos. Esse modelo de Kuhlthau (1991) percorre seis etapas: 1) início; 2) seleção; 3) exploração; 4) formulação; 5) coleta; 6) apresentação. Tais etapas se desdobram relacionados a sentimentos, pensamentos, ações e tarefas, como demonstrado na figura a seguir:

Figura 4: Processo de busca da informação (KUHALTHAU, 1991)

Estágios do ISP	Sentimentos comuns a cada estágio	Pensamentos comuns a cada estágio	Ações comuns a cada estágio	Tarefa apropriada de acordo com o modelo de Kuhlthau
1. Início	Incerteza	Pensamentos vagos	Buscando informações gerais	Reconhecer
2. Seleção	Otimismo	-----	-----	Identificar
3. Exploração	Confusão / Frustração / Dúvida	-----	Buscando informações relevantes	Investigar
4. Formulação	Clareza	Delimitação e esclarecimento	-----	Formular
5. Coleta	Senso de direção / Confiança	Aumento do interesse	Buscando informações focadas	Coletar
6. Apresentação	Alívio / Satisfação ou Frustração	Pensamentos esclarecidos e focados	-----	Completar

Fonte: Adaptado de Kuhlthau (1991).

Pinto (2018) explica os padrões do processo de busca da informação definidos por Kuhlthau (1993):

[...] Na iniciação, o indivíduo passa a perceber que existe uma falta de compreensão sobre algo. Posterior a essa percepção está a sensação de inquietude, incerteza, dúvida. Nesse estágio, os pensamentos são vagos e ambíguos, o que gera o sentimento de apreensão. Durante a seleção o indivíduo é apto a escolher o tópico investigado e a abordagem a ser utilizada. Assim, os sentimentos de inquietude, incerteza e dúvida dão lugar ao otimismo. Ao longo da exploração, os sentimentos de confusão, dúvida e incerteza frequentemente aumentam. Isso ocorre porque a tarefa durante esse estágio é centralizar o problema para que se possa formar um ponto de vista pessoal. Na formulação, a tarefa é formar um foco por meio de informações que foram encontradas ao longo do estágio de exploração. Durante a formulação, os sentimentos de inquietude e incerteza diminuem, e assim, os indivíduos passam a sentir confiança. Na coleta, a tarefa se concentra em recuperar informações que sejam pertinentes ao problema que foi anteriormente focalizado. Esse estágio ocorre durante a interação dos indivíduos com os sistemas de informação. E por fim, a apresentação. Nesse estágio, a busca da informação é finalizada. O indivíduo incorporou, em algum grau, novos conhecimentos aos seus conhecimentos pré-existentes e, por isso, é comum que sinta uma sensação de alívio – caso a pesquisa tenha sido satisfatória – ou de decepção – caso as fontes de informação não tenham sido suficientes para responder às necessidades de informação do indivíduo (PINTO, 2018, p. 45-46).

Ao finalizar o processo de busca da informação os indivíduos podem obter sucesso, isto é, recuperar documentos pertinentes as suas necessidades de informação, ou falhar. Se ocorrer a falha, o indivíduo geralmente retoma ao início do processo de busca. No caso do êxito, o indivíduo utiliza as informações e incorpora novos conhecimentos ao seu cognitivo (KUHLETHAU, 1993; DERVIN, 2003; WILSON, 2000; PINTO, 2018).

Neste contexto, Le Coadic (1996) e Choo (2006) explicam que o uso da informação se desdobra em um envolvimento intelectual pleno do indivíduo, onde estão as suas experiências anteriores. Através de dimensões sociais, cognitivas e emocionais, o uso ultrapassa a etapa da busca.

Choo (2006), considera ser difícil apresentar uma definição para “uso da informação”, pois o uso é parte subconsciente da experiência cotidiana dos indivíduos. Contudo, o autor aborda o conceito de forma pragmática, como é possível observar abaixo:

[...] O indivíduo seleciona mensagens entre um grupo maior de mensagens que recebe ou acompanha. Ele faz a escolha quando percebe uma relação significativa entre o conteúdo da mensagem e a tarefa ou problema que tem em mãos. [...] Portanto, o uso da informação envolve a seleção e o processamento da informação, de modo a responder a uma pergunta, resolver um problema, tomar uma decisão, negociar uma posição ou entender uma situação (CHOO, 2006, p. 107).

Choo (2006) também relaciona o uso da informação com a seleção de informações pertinentes em um espaço amplificado, onde a partir da alteração no estado de conhecimento, o indivíduo também modifica o seu modo de agir. O autor destaca ainda, o importante papel que o uso da informação exerce. Quando a lacuna de informação é preenchida, o indivíduo esclarece suas questões e apresenta soluções para os problemas que o acometeram anteriormente. Assim, o uso da informação exerce influência direta na tomada de decisão.

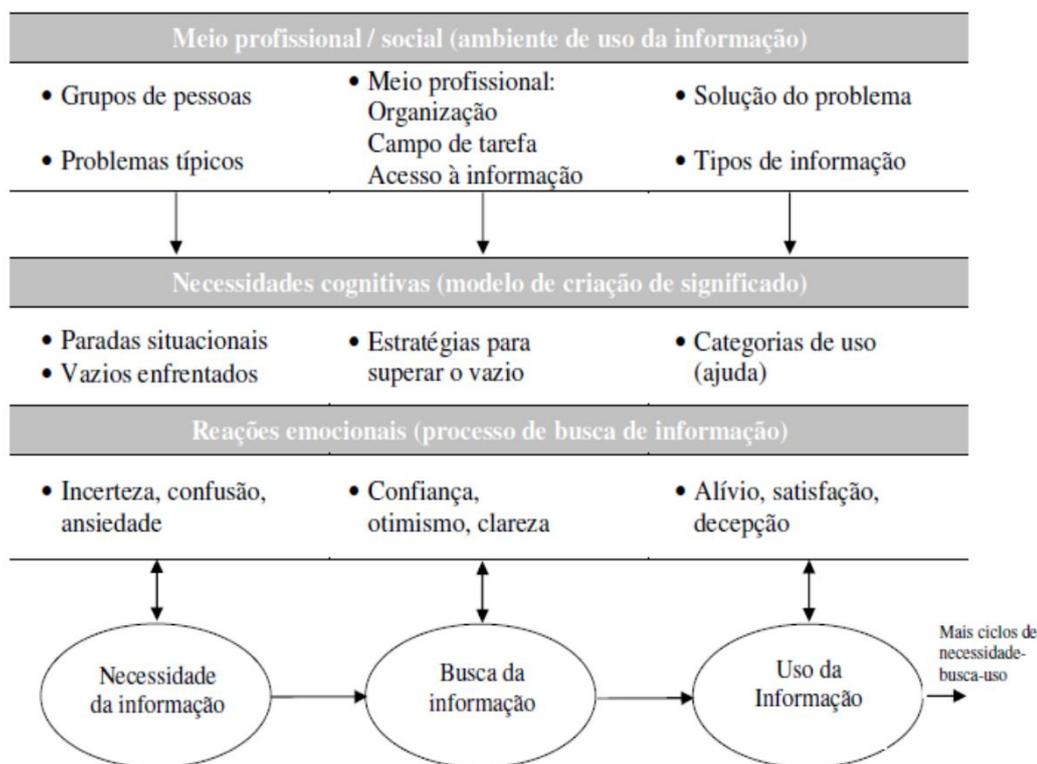
A alteração do estado de conhecimento prediz que as informações foram selecionadas e, portanto, passaram por critérios de verificação. Desse modo, conforme for sua relevância para a solução de problemas, a informação pode ser selecionada ou descartada. Choo (2006) ressalta como a relevância é importante para o critério de verificação. O autor a explica divide em seis partes: 1) Subjetiva, dependente do julgamento humano e, portanto, não é uma característica inerente da informação ou de um documento; 2) Cognitiva, dependente, em última instância, do conhecimento e da percepção do indivíduo; 3) Situacional, relacionada aos problemas particulares de informação do usuário; 4) Multidimensional, influenciada por muitos fatores; 5) Dinâmica, sujeita a constantes mudanças ao longo do tempo; 6) Mensurável, observável num dado momento (CHOO, 2006).

Revisitando o modelo de Ellis (1989) e de Kuhlthau (1991), Choo (2006) elaborou um modelo voltado para o uso da informação. O modelo mostra que os ciclos de busca e uso, estão presentes em ambientes de uso da informação onde os fatores cognitivos, emocionais e situacionais dos indivíduos, afetam a forma com que a busca e o uso são realizados. O autor traz um destaque para três propriedades da busca e do uso. Primeiramente, afirma, que o uso da informação é construído, uma vez que cada indivíduo, com base em suas estruturas cognitivas e emocionais, é responsável por atribuir significado à informação bruta. Em segundo lugar, os aspectos sociais no

qual os indivíduos fazem parte, trazem a ideia de que o uso é situacional, uma vez que dependendo do que cerca um indivíduo, uma informação pode se tornar útil ou não. E no terceiro momento, o autor destaca que o uso da informação é dinâmico.

Com a tentativa de identificar e relacionar os principais elementos que influenciam o comportamento informacional, o modelo apresentado abaixo por Choo (2006), divide o processo de uso em: necessidade, busca e uso, relacionando-os com os efeitos das necessidades cognitivas, as reações emocionais e as demandas situacionais dos indivíduos. O desenvolvimento do processo de busca e uso, é dependente das condições mutáveis do contexto em que a informação é utilizada pelo indivíduo. Tendo isso em vista as etapas norteadoras são: necessidade de informação, quando um indivíduo reconhece lacunas em seu conhecimento e em sua capacidade de atribuir significado a uma experiência; busca da informação, quando o indivíduo busca intencionalmente uma informação capaz de alterar seu estado de conhecimento; e uso da informação, quando um indivíduo seleciona e processa informações com o potencial de mudança em sua capacidade de vivenciar, agir ou reagir à luz de novos conhecimentos (CHOO, 2006).

Figura 5: Modelo de uso da informação (CHOO, 2006)



Fonte: Choo (2006, p. 114).

Como foi mencionado por Ellis (1989), o processo de recuperação da informação não segue uma ordem específica, onde em alguns momentos a *extração* vem antes da *diferenciação*, como exemplo. O objetivo final que envolve todo esse processo de comportamento informacional, segundo Choo (2006) é a alteração do estado de conhecimento de cada indivíduo, portanto é importante enxergar esse processo cíclico, mas não linear, de uma forma completa, compreendendo os conceitos dos estudos iniciais trazidos por Wilson (2000) no que tange ao *information behavior*, traduzido como comportamento informacional pelos autores pioneiros no Brasil.

Desde a sua criação, a CI visa compreender e suprir as necessidades de informação dos indivíduos. Após a Segunda Guerra Mundial, houve um grande aumento na produção científica e com isso surgiu a necessidade de atender aos que buscavam informação científica. Na época, o público dessas informações era bastante restrito, composto apenas por pesquisadores e tecnólogos. Para Wilson (2000), o estudo do comportamento dos indivíduos, se iniciou com esse público.

Com a ampliação do acesso à informação, o público foi se expandindo, deixando de ser formado apenas por pesquisadores e tecnólogos. Tal ampliação modificou também a forma de se analisar os comportamentos dos indivíduos em relação à informação. Nesse sentido, foram propostos diversos modelos qualitativos (ELLIS, 1989; KUHLETHAU, 1991; WILSON, 1999).

Historicamente, os estudos de comportamento informacional são oriundos dos estudos de uso/usuários. Em 1948, o termo apareceu pela primeira vez na *Conferência sobre Informações Científicas da Royal Society*. De início não teve uma aceitação boa e só veio a ser adotado mais tarde, uma vez que o termo “estudo de usuários” era mais apropriado para a forma com que se davam as pesquisas (WILSON, 1999; GASQUE; COSTA, 2010). As décadas de 1950, 1960 e 1970 foram marcadas pela transição da fase quantitativa para a qualitativa generalista, que não possibilitavam enxergar quais eram as reais necessidades de informação. Nesta fase, começaram os estudos com outros grupos de indivíduos, como tecnólogos e educadores, trazendo questões como o fluxo de informação e a existência de informações formais e informais. (FERREIRA, 1997; WILSON, 1999; GASQUE; COSTA, 2010).

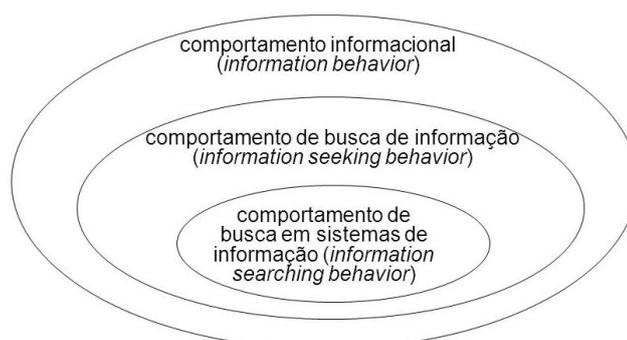
A transição da fase quantitativa para qualitativa se concretizou na década de 1980. Enxergar o usuário como um ser social, através da ótica cognitivista, fez com que os estudos buscassem esclarecer como se dava o processo de busca e uso da informação, a partir de modelos de comportamento informacional (WILSON, 1999; GASQUE; COSTA, 2010).

Wilson (2000) define comportamento informacional como:

A totalidade do comportamento humano em relação a fontes e canais de informação, incluindo tanto a busca ativa e passiva pela informação, quanto o uso da informação. Desta forma, ele inclui a comunicação direta com outros, assim como a recepção passiva de informação como, por exemplo, assistir a comerciais de TV, sem qualquer intenção de agir sobre a informação fornecida (WILSON, 2000, p. 49).

A partir de tal definição é possível inferir que o comportamento informacional é uma ampla área de pesquisa. Dentro dessa área encontram-se subáreas como a busca e o uso da informação. Wilson (1999) elucida isso em seu modelo de busca da informação, como demonstrado abaixo.

Figura 6: Modelo de busca da informação (WILSON, 1999)



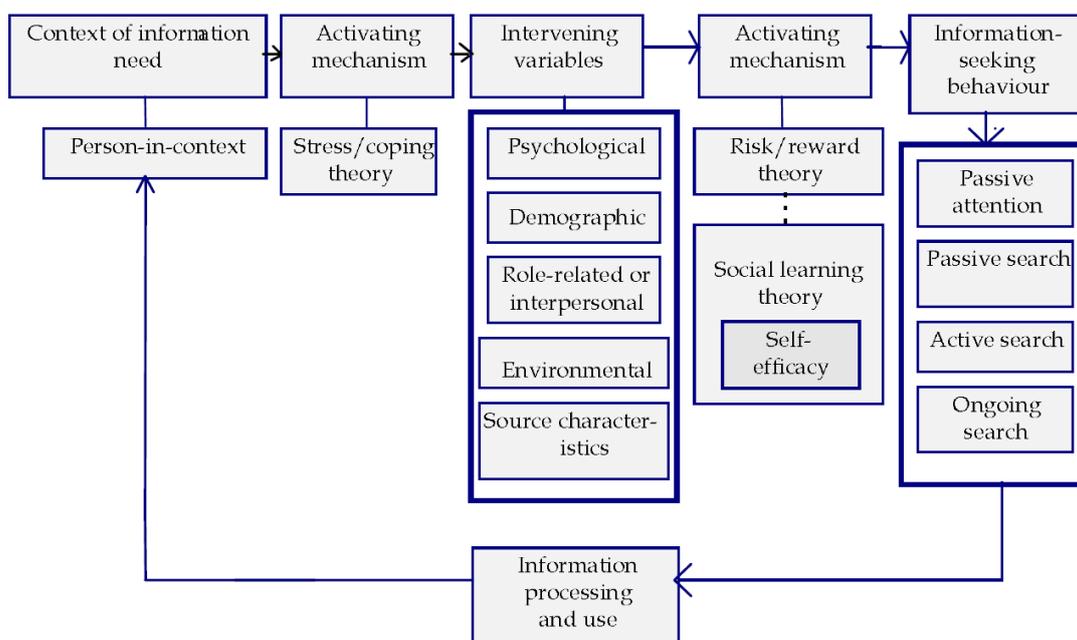
Fonte: Wilson (1999, p. 263).

Neste modelo encaixa-se a explicação de Gasque e Costa (2010), que apontam o comportamento informacional como um processo natural do ser humano, como aprendiz de sua própria vida, despertado por uma necessidade de informação, dentro de um espaço-tempo em que ocorrem ações de busca, uso e transferência de informação.

Fundamentado em Case e Given (2016), Pinto (2018), por sua vez, explica que o comportamento informacional não é apenas a totalidade do comportamento humano empregado em relação às fontes e canais de informação, como definido por Wilson (2000). De acordo com os autores, o comportamento informacional envolve também os comportamentos intencionais que não envolvem a busca.

A partir das necessidades cognitivas, fisiológicas e emocionais dos indivíduos, Wilson (2000) propôs um modelo de comportamento informacional. Influenciado pelos modelos de Ellis (1989) e Kuhlthau (1991), o autor aborda todo o comportamento informacional, agregando ao modelo à busca ativa e passiva e as intervenções que o ambiente pode exercer nos indivíduos em que nele se encontram.

Figura 7: Modelo revisado de comportamento informacional (WILSON, 2000)



Fonte: Wilson (2000, p. 53).

Após um levantamento quantitativo no *ARIST*, Gasque e Costa (2010) concluíram que, atualmente, o termo “comportamento informacional” é o mais utilizado. De acordo com as autoras, termos como “estudos de usuários” e “necessidades de informação” e uso da informação” se reduziram a conceitos dentro de comportamento informacional. Complementando a consideração das autoras, Mutshewa (2007 *apud* TABOSA; PINTO, 2016) ressalta que existe uma discussão sobre o uso do termo comportamento informacional, pois é um termo gramaticalmente

errado, uma vez que a informação não possui um comportamento, e sim os usuários que a buscam. Por fim, observa-se, na literatura, que após a década de 1990 o termo tem sido amplamente utilizado.

2.2. Estudos de comportamento informacional no contexto da saúde

Nos últimos anos, a Internet possibilitou ampliar suas perspectivas para a comunicação em saúde. Se por um lado existe a comunicação de massa, que por meio de suas campanhas aborda temas em geral sobre saúde, para alcançar uma audiência heterogênea, por outro com rede de computadores a informação passa a ser acessada individualmente, de forma a responder dúvidas específicas e com informação na medida e com o grau de profundidade que o usuário procura (SOARES, 2004).

Na área da saúde, a utilização da internet como fonte de pesquisa é apontada como um forte instrumento que oferece benefícios a saúde, mas também apresenta uma série limitações sobre seu uso. Segundo, Moretti, Oliveira e Silva (2012) a informação disponibilizada na internet pode oferecer melhorias na qualidade de vida, autonomia, autoconfiança, melhoria no convívio social e no aprendizado, redução da desesperança, melhor enfrentamento das situações de vida, maiores conhecimentos sobre doenças, alívio emocional e melhoria da saúde. Contudo, por se tratar de um meio de comunicação, a internet possui suas barreiras, sendo necessário o seu uso de forma cautelosa para obtenção de informação. Segundo Biruel (2008 *apud* Moretti, Oliveira e Silva, 2012), “a internet pode representar um grande risco na área da saúde, pois tanto entre os profissionais de saúde como entre os consumidores, pode existir um desconhecimento das regras relativas à identificação de padrões de qualidade”.

Napoli (2001 *apud* SOARES, 2004), sugere que, de acordo com pesquisas, há necessidades insatisfeitas em termos de fontes de informação em saúde, e que a internet pode oferecer uma coleção de atributos necessários para satisfazer tais necessidades. No entanto, com a natureza híbrida da rede de computadores tornou-se difícil determinar a sua proximidade com os meios de comunicação de massa, das fontes interpessoais formais, como médicos, organizações de saúde ou de fontes pessoais informais (como amigos e família) para avaliar em termos de credibilidade, clareza e exatidão. Ele constata que a internet apresenta características combinadas por esses atributos, porém, os seus pontos fracos e fortes são desconhecidos.

Mittman e Cain (2001 *apud* SOARES, 2004) pontuam a variação da qualidade da informação encontrada na internet. Os autores afirmam que a qualidade da informação não é diferente em outros meios ou fontes, como conselhos de amigos e parentes, provavelmente consideradas as mais comuns de informação sobre saúde. Diante disso, os fatores que permitem aumentar os problemas de qualidade da informação na internet são:

[...] ...baixo custo e facilidade de publicação, que permitem a pessoas não habilitadas divulgarem ideias; anonimato; rapidez das mudanças nos sites, dispensando, muitas vezes cuidados com a confirmação das informações. Há, também, a possibilidade de ações fraudulentas, internacionais, burlando as legislações nacionais (MITTMAN; CAIN, 2001 *apud* SOARES, 2004, p. 10).

Apesar da existência desse problema sobre a qualidade de informação na internet, ao fazer um levantamento em bases de dados das áreas médicas, foi possível recuperar diversos artigos que abordavam a literacia em saúde e alguns até possuíam métodos para aferir o nível dessa literacia. Entre essas pesquisas, destacou-se a dos autores Sadasivam et al. (2012) que analisaram o potencial e a influência da informação sobre saúde no comportamento de quem as acessa. Os autores trouxeram um ponto adicional que além de buscar sobre a própria saúde, muitos usuários buscavam sobre patologias de parentes e amigos. Ao final da pesquisa, concluíram que ainda há uma grande necessidade de novos estudos que desenvolvessem métodos para auxiliar no letramento não só de usuários individuais, mas também para esses que pesquisavam informações de qualidade para saúde de terceiros. Uma lacuna deixada por esses estudos, que em sua maioria são quantitativos, é a falta da compreensão dos motivos dos quais esses indivíduos ainda não possuem esse letramento, algo apontado muito atrás por Wilson (1989), ao marcar a mudança de estudos quantitativos para qualitativos. Essa falta poderia ser suprida se houvesse uma integração melhor entre os profissionais de saúde pública e institutos médicos com bibliotecários e centros de informação, como foi concluído anteriormente por Cobus (2008), em um estudo que trazia diretrizes para bibliotecários tratarem a informação sobre saúde e promoverem a literacia nessa área.

No Brasil, por sua vez, como forma encontrada para a qualificação das informações de saúde na internet, Moretti, Oliveira e Silva (2012) destacam as iniciativas da FIOCRUZ no Laboratório LAISS (Laboratório Internet, Saúde e

Sociedade) que visa criar mecanismos capazes de avaliar a confiabilidade de *sites* médicos e de informações da saúde veiculadas na internet, bem como o Ministério da Saúde criou um portal disponibilizando um número com *Whatsapp* para checagem de possíveis *fake news* na saúde, disseminadas na rede. Também salientam a iniciativa do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (CREMESP) no qual criou uma resolução (nº 97) que dispõe sobre “a idealização, criação, manutenção e atuação profissional em sites, páginas ou portais sobre medicina e saúde na internet”. Por não existir uma legislação específica para regulamentar o uso da internet ou o comércio eletrônico no Brasil, o conselho afirma sobre a necessidade auto-regulamentação do setor, para se estabelecerem padrões mínimos de qualidade, segurança e confiabilidade dos sites de saúde. A resolução ainda sinaliza que:

[...] O usuário da Internet, na busca de informações, serviços ou produtos de saúde on-line, tem o direito de exigir das organizações e indivíduos responsáveis pelos sites: transparência, honestidade, qualidade, consentimento livre e esclarecido, privacidade, ética médica, responsabilidade e procedência (CREMESP, 2001).

Diante disso, observa-se um cenário semelhante ao descrito mais acima, onde instituições médicas assumiram a missão de disseminar e controlar informações confiáveis sobre saúde. A promoção da saúde por meio do incentivo a literacia tem grande importância, visto que Quemelo et al. (2017) aponta que a literacia em saúde é o que capacita a população a tomar decisões corretas nos cuidados com a saúde e prevenção de doenças, indicando ainda a frequência de um sentimento de vergonha e incapacidade quando é ineficiente. Adentrando já no campo da C.I., Tabosa e Pinto (2016) revisitam o modelo de Ellis (1989), e afirmam que esse sentimento de vergonha e incapacidade, trazida como a falta de foco e clareza é substituído pela familiaridade que pode ser interpretada como o início do processo de literacia. Esse estudo que adentra em um ambiente médico para compreender o comportamento informacional dos pacientes, traz o resultado alarmante de que, independentemente do nível de escolaridade, a verificação da veracidade das informações é bastante inadequada. Ao utilizar o modelo de Ellis (1989) em sua versão ampliada, apareceram alguns comportamentos de busca e uso um pouco distantes em relação aos processos propostos pelo modelo, algo que poderia ser solucionado com uma melhor integração entre profissionais da informação e profissionais de saúde, trabalhando junto para a literacia em saúde da população.

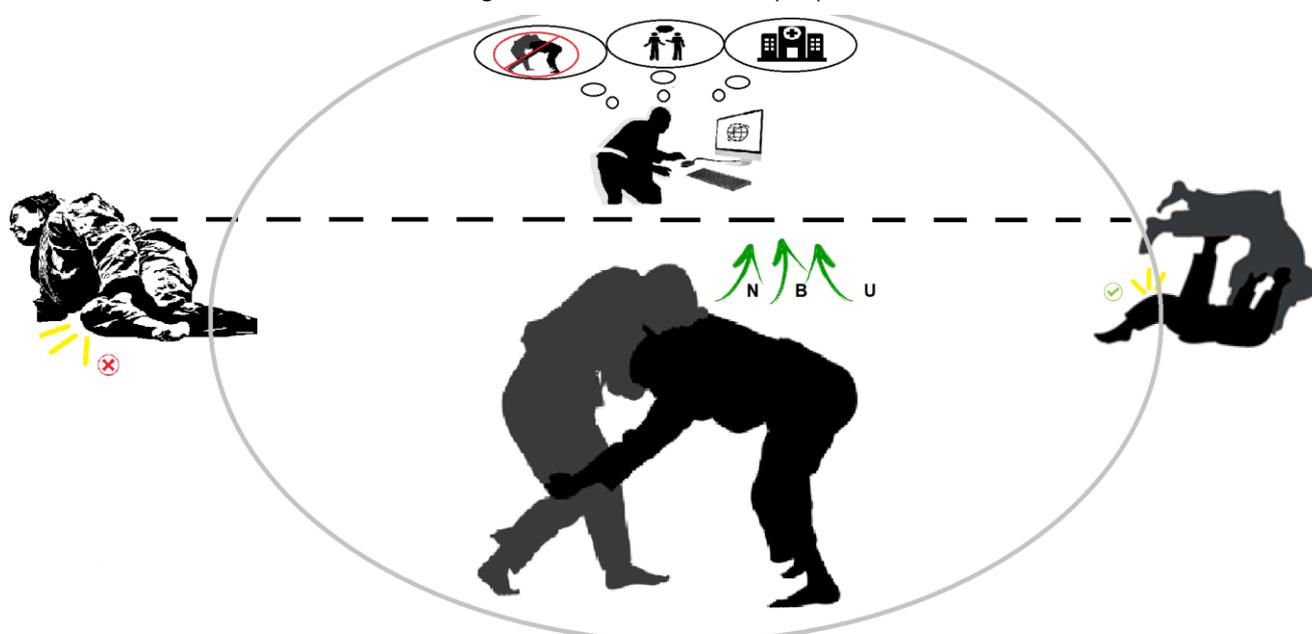
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. Modelo conceitual da pesquisa

A fim de representar como se dá o comportamento informacional dos praticantes de jiu-jitsu, foi elaborado um modelo conceitual para servir de base e identificar como novos conhecimentos são adicionados na vida prática dos atletas. Modelos conceituais são elaborados com o objetivo de analisar problemas por meio de focos específicos, segundo Case e Given (2016 *apud* Pinto, 2018).

Analisando como se dá o comportamento informacional dos praticantes de jiu-jitsu a teoria representada pela figura 8 traz a ideia de que o comportamento é cíclico, percorrendo fases de uma prática potencialmente lesiva, para uma nova forma de praticar jiu-jitsu, com mais atenção e cuidado gerando resultados positivos. Durante o processo são recorrentes e não ordenadas, as fases de N: necessidade, B: busca e U: uso, bem como os sentimentos inerentes a essas fases, presente pela dor, dúvidas quanto a recorrer aos profissionais de saúde para obter informações confiáveis, familiaridade em buscar informações informais com colegas e até receio gerado por uma possível necessidade de interrupção da prática.

Figura 8: Modelo conceitual da pesquisa:



Fonte: Elaboração própria.

3.2. Caracterização e plano de pesquisa

De acordo com Gil (2008), a metodologia científica constitui-se de métodos e procedimentos a serem percorridos para satisfazer o objetivo de construir um novo conhecimento. A partir de procedimentos lógicos e passos metodológicos é possível verificar a confiabilidade necessária para a investigação científica.

Dentre os procedimentos metodológicos destaca-se a abordagem da pesquisa. Esta pesquisa uma vez que lida com os comportamentos informacionais de indivíduos, possui abordagem qualitativa. Segundo Creswell (2007) esse tipo de abordagem procura descrever um problema de pesquisa valendo-se de conceitos e fenômenos. Desse modo, os pesquisadores a utilizam para explorar ao máximo os fenômenos, como os comportamentos de busca e uso da informação. Corroborando com Creswell (2007), Prodanov e Freitas (2013) defendem que por meio da abordagem qualitativa é possível interpretar fenômenos e atribuir significados para eles. Neste contexto, esta pesquisa possui propósito descritivo, tentando atribuir significados, ideias e motivações por trás das respostas dos entrevistados.

As pesquisas com propósito descritivo geralmente assumem a forma de levantamento. Dentre as formas de levantamento destacam-se os questionários e as entrevistas. Esta pesquisa utiliza a entrevista, que para Gil (2008), é um instrumento utilizado pelo pesquisador para compreender a fundo o entrevistado. De acordo com o autor, a entrevista permite a obtenção de dados relativas a decisões, sentimentos, desejos, conhecimento, entre outros.

Desse modo, para investigar o comportamento informacional de praticantes de jiu-jitsu no tocante à saúde, foi utilizada a entrevista semiestruturada. Nesse tipo de entrevista, o pesquisador pode adicionar questões, explicar conceitos mal redigidos no roteiro de entrevista etc. Sustentado por Manzini (2004), que afirmou uma possibilidade de ampliação de respostas não somente padronizadas, ao adotar a entrevista semiestruturada, foi possível organizar o andamento da entrevista em consonância com os objetivos iniciais. Sendo assim, durante a elaboração do roteiro de entrevista desta pesquisa, foi traçado inicialmente um núcleo básico que visava, por meio das perguntas, atender aos objetivos de identificar as necessidades de informação, os comportamentos de busca e uso e posteriormente relacionar esse comportamento com as informações no campo da saúde. Esse núcleo básico

desdobrou-se em 8 perguntas, contidas no anexo 1. Utilizou-se um gravador de voz, um bloco de notas e o próprio roteiro da entrevista, todos esses instrumentos no suporte digital por meio de aplicativos para celular. Mesmo ciente de que um gravador de voz poderia inibir o entrevistado, como explicado por Prodanov e Freitas (2013, p. 108), sua utilização foi necessária a fim de trazer mais agilidade a entrevista.

Para responder às entrevistas semiestruturadas foi composta a amostra do estudo. A população desta pesquisa compreende os praticantes de jiu-jitsu da academia de luta TKD, localizada no Guará, cidade satélite do Distrito Federal (DF). O tipo de amostragem utilizado foi por cotas, onde Fontanella, Ricas e Turato (2008) afirmam que previamente escolhem-se características secundárias dos elementos amostrais e ocorre uma predeterminação da necessidade de contemplar algumas dessas características, a priori sem seguir uma lógica probabilística. Gil (2008) ainda ressalta que, dentre os métodos de amostragem não probabilísticos, a amostragem por cotas é a que possui mais rigor. Visto isso a característica previamente selecionada foi possuir no mínimo duas amostras de cada graduação do jiu-jitsu, portanto foram selecionados 10 participantes, dois para cada graduação, com a adição de mais dois praticantes extras que se dispuseram a ser entrevistados. Dessa forma foi totalizado, doze lutadores de jiu-jitsu que possuem graduação (branca, azul, roxa, marrom e preta)³ contendo desde iniciantes que treinam a apenas dois meses, até graduados que já praticam a arte a dezoito anos, apresentados na figura 9.

Por fim, os dados coletados por meio das entrevistas semiestruturadas foram analisados⁴. Em um primeiro momento, com fundamento em modelos como o de Wilson (1981), Ellis (1989), Kuhlthau (1991) e Choo (2006), foi feita a categorização. Em um segundo momento os dados foram analisados em relação à literatura, com questões centrais para o desenvolvimento da pesquisa. A mesma foi realizada por meio de um roteiro com 8 perguntas, que subdividiu-se de forma temática, assim como

³ As cores das faixas no jiu-jitsu representam a evolução do praticante, possuindo cada uma um tempo obrigatório de permanência, segundo a IBJJF (2012), mas respeitando os critérios de avaliação de cada professor. Sendo branca iniciante, azul e roxa intermediário, marrom e preta avançado. Ainda existem outras colorações de faixa para crianças e para mestres, que não fizeram parte do presente estudo.

⁴ Em virtude da pandemia do Sars-CoV-2 e da suspensão do semestre da UnB, houve um espaçamento maior entre a coleta de dados realizada e a conclusão da presente monografia. As entrevistas foram realizadas entre 08/06/2019 e 15/06/2019, com objetivo de serem apresentadas no primeiro semestre de 2020, porém foi algo impossibilitado pela suspensão das atividades da Universidade.

na revisão de literatura, em três partes, necessidades, busca e uso.

Figura 9: Quadro de dados pessoais da amostra

Nº da amostra	Sexo	Idade	Tempo de prática	Graduação
PJ 1	Masculino	31	16 anos	Preta
PJ 2	Masculino	53	7 anos	Roxa
PJ 3	Masculino	36	8 anos	Marrom
PJ 4	Masculino	25	2 meses	Branca
PJ 5	Masculino	48	18 anos	Preta
PJ 6	Feminino	23	1 ano e 6 meses	Branca
PJ 7	Masculino	28	7 anos	Roxa
PJ 8	Masculino	23	2 anos	Azul
PJ 9	Masculino	24	1 ano e 6 meses	Azul
PJ 10	Masculino	37	11 anos	Preta
PJ 11	Masculino	35	12 anos	Marrom
PJ 12	Feminino	25	2 anos	Azul

Fonte: Elaboração própria.

4. ANÁLISE DE RESULTADOS

4.1. Categorias pré-descritas no modelo conceitual da pesquisa

A fim de verificar as necessidades de informação e a forma como buscam, acessam e usam a informação sobre saúde, os praticantes de jiu-jitsu (PJ), foram entrevistados com base no modelo conceitual anteriormente apresentado. Categorizado em necessidade de informação, busca da informação e uso da informação, foi feita a análise de dados abaixo, compreendendo que o segundo e quarto momento do modelo conceitual se referiam a transições entre as categorias.

4.2. Análise de cada categoria e relação com a literatura (sobretudo informação e saúde)

4.2.1. Necessidade de informação

Ao início da entrevista, após levantar dados como a idade e tempo de prática e

uma breve explicação sobre do que se tratava a pesquisa, foi perguntado aos entrevistados sobre suas necessidades de informação em relação à saúde. Com a ideia de compreender os sentimentos presentes durante e anteriormente ao início desse processo. Os sentimentos de forma primária se mostraram relacionados a características físicas, segundo os participantes após sentir dores ou sensações estranhas no corpo, gerou uma curiosidade que os fez seguirem o processo da busca.

“Minhas necessidades foram em relação ao meu desempenho. Em virtude da minha idade me sinto muito mais cansado e esgotado que os outros, senti uma necessidade de saber mais sobre a influência do hormônio da testosterona e seu baixo nível na pratica do jiu-jitsu. Eu sempre estive no meio do esporte e ouvindo vários atletas comentarem sobre a reposição hormonal, me gerou uma vontade de pesquisar, mas pesquisar mesmo. (PJ2)”

“Eu senti a necessidade muito grande de entender meu corpo, como funciona, porque tenho um problema de refluxo muito forte. Tive que entender até onde era meu limite dentro do jiu-jitsu, para poder completar um treino sem parar no meio. Quando comecei a treinar, por ser sedentário, eu achava que era normal passar mal, por não estar acostumado com atividade física, mas dentro de mim eu sentia que não era normal, com isso fui pesquisar. (PJ3)”

“O jiu-jitsu veio para suprir uma necessidade de informação, comecei a pesquisa antes mesmo de praticar, estava fazendo uma pesquisa do meu TCC sobre encurtamento muscular, se era importante dentro da prática e se a falta dele gerava lesões no jiu-jitsu. Durante esse processo percebi que Jiu-jitsu fazia bem pra saúde e comecei a praticar. Depois que comecei, pesquisei em artigos sobre um tratamento de hemoterapia que fez meu mestre passar mal em um campeonato, e sobre princípios de lesões que tive, nos dedos, no pé e no braço. (PJ11)”

Pelo modo que se dá a luta, onde um oponente tem o objetivo finalizar o outro por meio de chaves e estrangulamentos, em geral o jiu-jitsu se mostra um esporte lesivo. Ide e Padilha (2005) trazem um estudo que descreve as principais lesões que podem ocorrer para o praticante, ressaltam ainda como essas lesões podem afastá-los das competições e dos treinamentos por períodos indeterminados. A dor e o desconforto, advindos de uma lesão ou de condição física pré-existente, desencadeiam um anseio por saber o que está acontecendo de fato e o porquê.

Os participantes PJ2, PJ3 e PJ11 relataram o despertar de sua curiosidade após sentirem uma sensação desconfortável. *“... senti a necessidade muito grande de entender meu corpo e como ele funciona (PJ2)”*. Para entender e tentar solucionar os problemas, o indivíduo segue adiante para o processo de busca da informação, mas

como foi abordado por Kuhlthau (1989) a incerteza e os pensamentos ainda vagos, não mostram que as necessidades de informação estão concretas. “... eu achava que era normal passar mal, mas dentro de mim eu sentia que não era normal, com isso fui pesquisar”. Aqui ficou claro como a aplicação do modelo de Kuhlthau (1983) percorre um caminho da indagação sobre um sentimento de dúvida até a concretização de suas necessidades, podendo assim partir para próxima etapa de identificação. Por essas dúvidas e incertezas, as amostras optaram por recorrer a busca para dar fim a esse sentimento de incerteza.

Acerca da concretização dessas necessidades e sobre sua relevância, ao serem questionados se recordavam de algum momento marcante que concretizou essas necessidades, os praticantes responderam o seguinte:

“No momento atual, por estar próximo de ser promovido à nova faixa eu percebi que precisava melhorar meu rendimento, ao rolar com intensidade, percebia que a baixa de testosterona, comentada com os colegas de treino, em outro momento, poderia ter influência nisso. (PJ2)”

“A primeira semana foi um start, através de aprender como movimentar meu corpo de uma forma não natural. O jiu-jitsu leva o corpo a uma fadiga não natural, a ideia veio de como eu poderia desenvolver uma consciência corporal para evoluir sem me lesionar? (PJ4)”

“Tive uma Luxação do escafoide, já tive uma distensão, mas o que me deu um alerta foi que essas lesões exigiam repouso e me afastavam do tatame, só que eu não queria parar de praticar, então comecei a ficar mais atenta e procurei aprender como me posicionar melhor nos movimentos para evitar mais lesões. (PJ6)”

“Eu me lembro do dia que estava treinando e quebrei três costelas, e tive muito incomodo com mais de dois meses sentindo dor, tive a necessidade de buscar como amenizar essas dores (PJ7)”

“Após sentir que eu estava “morrendo no gás” (sem condicionamento físico), eu vi que estava ficando para trás e resolvi buscar como melhorar isso (PJ8)”

“Quando machuquei meu dedo, porque estava me impossibilitando de treinar e de realizar algumas atividades no meu trabalho. (PJ12)”

As necessidades de informação dos praticantes se mostraram bem diversas. Enquanto alguns são jovens e estão preocupados em como desenvolver uma consciência corporal para poder realizar os movimentos sem se machucar, outros,

que também treinam juntos, já estão com uma idade mais avançada e procuram meios para acompanhar o condicionamento dos mais jovens. Esse cruzamento de dados das necessidades informacionais com a idade, porém, não é conclusivo, visto que a necessidade informacional sobre a melhora do condicionamento, foi uma questão comum levantada pelos praticantes, independentemente de sua idade, assim como a prevenção e tratamento de lesões e a solução de problemas de saúde pré-existentes que se acentuaram ao iniciar a prática de jiu-jitsu.

Relacionando com Choo (2006) que afirma que necessidades e usos da informação devem ser analisados dentro de seus contextos, incluindo as mais diversas características como as sociais, profissionais e organizacionais de cada praticante, a característica que aparenta ter mais importância na população estudada é a física, uma vez que com as lesões comuns da prática e por meio de conversas com colegas (fontes de informação informais) os entrevistados apontaram as dores, diversas vezes como a iniciação do processo de busca, também presente no modelo de Ellis (1989):

“Estava treinando e quebrei três costelas, e tive muito incomodo com mais de dois meses sentindo dor, tive a necessidade de buscar como amenizar essas dores (PJ7)”

“O jiu-jitsu leva o corpo a uma fadiga não natural, a ideia veio de como eu poderia desenvolver uma consciência corporal para evoluir sem me lesionar? (PJ4)”

“Tive uma Luxação do escafoide, já tive uma distensão, mas o que me deu um alerta foi que essas lesões exigiam repouso e me afastavam do tatame, só que eu não queria parar de praticar (PJ6)”

Mesmo dentro de uma população repleta de semelhanças, é possível identificar diferenças que são importantes para compreender o comportamento informacional. Diante da pluralidade dos múltiplos níveis de estado de conhecimento relatado por Choo (2006), quando se olha como PJ7 fala sobre ter quebrado costelas e PJ6 já traz uma terminologia mais técnica relatando sobre ter tido uma distensão e uma luxação do escafoide, evidencia-se, como abordado por Wilson (1981), o contexto cognitivo diferente de cada indivíduo, inseridos em uma necessidade informacional semelhante, mas cada um com seu processo cognitivo retém informações que terão mais valia para seu próprio “estado de conhecimento a níveis internos e externos” (CHOO, 2006). Ainda sobre isso o autor ressalta que quanto maior a conexão da informação

com necessidades viscerais de cada indivíduo, mais elas terão sentido e significado para os mesmos.

Figueiredo (1983) explicitou a importância e a capacidade das bibliotecas de converter necessidades informacionais não expressas em expressas, hoje, porém essa capacidade extrapola o ambiente da biblioteca e se torna uma competência importante para profissionais da informação, tal como Choo (2006) aborda que a satisfação das necessidades de informação vai além da percepção das dificuldades do indivíduo e de suas limitações quanto a estratégias de busca e recuperação da informação. Ao ressaltar “como amenizar essas dores [para continuar a treinar]” e “só que eu não queria parar de praticar” evidencia esse tipo de necessidade de informação não ativada, já que em outros momentos também foi possível identificar que uma característica da população estudada era não querer parar de treinar, mesmo com incômodos físicos, dores e lesões. Logo a vontade inicial de sanar as dúvidas sobre dores ocultava uma motivação principal em não interromper os treinamentos, bem característico da necessidade não ativada ou não sentida trazida por Totterdel e Bird (1976 apud Figueiredo, 1983, p. 53.)

Ao se tornarem capazes de perceber que existem dúvidas e necessidades de informação que são determinantes para não interromper o treinamento de jiu-jitsu, os praticantes se veem diante de um abismo, uma lacuna em seu estado de conhecimento, como apontado por Belkin (1980) em sua tese de estados anômalos de conhecimento. Para preencher essa lacuna, o processo do comportamento informacional segue e os indivíduos caminham para a coleta de informações de forma intencional, como explicado por Wilson (1981), interagindo em ambientes físicos, como na própria academia, ou virtuais nos buscadores, fóruns e outras fontes. Assim passa-se para o processo de busca da informação, que algumas vezes não chega a ser iniciado por conta das barreiras de indisponibilidade de informações, porém, o que não ocorreu na população analisada, que por sua vez com a tomada de decisão, iniciou a ação de busca da informação, para atender seu propósito de não interromper os treinamentos (CRESPO, 2003).

4.2.2. Busca da informação

Quando questionados sobre onde os entrevistados buscavam as informações sobre saúde, a fim de satisfazer suas necessidades, a resposta mais comum era a internet, por meio do buscador *Google*. Entretanto, os praticantes tinham hábitos de se consultar com médicos e pedir opiniões de outros praticantes mais experientes, valorizando a hierarquia de graduações e o tempo de prática.

“Internet, livros e profissionais da saúde. Quando tem alguma lesão mais grave eu tenho procurado mais médico mesmo, quando é algo mais simples eu trato com o conhecimento normal, com gelo. Já em questão de desempenho eu já procuro com meu professor, eu não procuro tanto questões fora da academia. (PJ5)”

“Conselhos de Atletas que eram referência pra mim, atletas mais experientes, internet, fóruns profissionais (PJ1)”

“Com atletas de performance próximos e mais graduados, google, em sites, artigos científicos e principalmente sites relacionados a endocrinologia (PJ2)”

Para cada indivíduo atender seus propósitos, Crespo (2003) enxerga a busca como uma ação dos mesmos, com intenção e engajamento a fim de recuperar informações. Deste modo se dá a busca ativa mencionada por Wilson (2000), onde Saracevic (2009) complementa falando sobre a intencionalidade dessa busca, não sendo apenas uma consequência direta da necessidade de informação anteriormente descoberta. Diante desta ação, da intencionalidade as amostras realizaram essa busca ativa, com exceção do PJ9 que relatou ter entrado em contato com a informação da sua patologia por meio da televisão e a forma que ele recebia informações sobre seu problema era estritamente por este meio “Eu não procurei informação alguma em internet nada, mas eu sempre via na televisão, via entrevistas e me identifiquei com os sintomas que as pessoas falavam (PJ9)”. Característica essa, especificada por Wilson (2000) por não ter desempenhado esforços a fim de recuperar informações, apresentada como busca passiva. O autor, ainda com sua definição traz que o comportamento informacional é a totalidade do comportamento humano perante as fontes de informação, portanto, ambas as buscas, passivas e ativas são importantes e podem se completar, como no caso do PJ2 que relatou que ao escutar uma conversa sobre reposição hormonal, um exemplo de busca passiva, decidiu buscar de forma mais intensa sobre o tema “ouvi várias pessoas falarem nisso e isso me gerou uma

vontade de pesquisar, pesquisar mesmo, em sites, em teoria científica, isso é praticamente unânime, tem que procurar um médico especialista mesmo”. Com isso o atleta que se identificou com um problema, por meio de uma conversa informal, empregou suas práticas informacionais para buscar em diferentes fontes de informação, concluindo uma busca ativa.

Além disso, foi possível observar que as amostras tinham em comum a característica de buscar informações direcionadas para o meio em que estavam inseridas, “procurei por médicos e outros profissionais que praticavam jiu-jitsu” disse o PJ11. Já o PJ12 foi ainda mais específico, disse ter procurado informação “com fisioterapeuta faixa preta”, com objetivo de sentir-se seguro com alguém inserido no seu próprio esporte. Desta forma, durante a busca ocorre a etapa caracterizada como verificação das fontes por meio das estratégias de busca.

Ao serem perguntados sobre as estratégias para realizar as buscas e se tiveram meios para realizar algum tipo de verificação das fontes, os participantes se mostraram preocupados com a confiabilidade das fontes e a testificação por meio de confirmar as informações com colegas de treino ou profissionais da área. Como esperado cada um possuía sua forma de realizar essa verificação, com base no seu conhecimento acadêmico e em alguns momentos o que foi relatado como verificação, era na verdade um empirismo quanto a segurança da fonte.

“Joguei no Google e caí em alguns sites que tem teoria científica sobre o tema (PJ2)”

“Pesquisar na internet e tirar dúvidas com mais graduados (PJ4)”

“Busquei com profissionais, com amigos e na internet, porém, pela internet conter o verdadeiro e o falso eu trouxe as questões que eu via lá para o tatame, tirando dúvidas com o mestre e colegas que já tinham utilizado de algum método parecido (PJ8).”

“Com a pesquisa e a tentativa e erro, tiro minhas dúvidas com o profissional, geralmente quando eu vou no profissional é porque já estou precisando muito, sempre tem algo a mais com ele” (PJ1)

“Seleciono o tipo de estudo científico, para saber se ele foi enviesado ou não, por conta da minha formação eu já estudei em outra área e sei como funciona a ciência, tenho critério de não escolher estudos associativos que o cara pode dizer o que ele quiser, estabelecendo causa e efeito, isso não me pega mais (PJ10)”

“Priorizo somente pessoas que estavam inseridos na prática do jiu-jitsu. (PJ11)”

“Abri primeiros sites e os que eu já conhecia, pesquisei termos mais técnicos (entorse de dedo) e sintomas e tempo de recuperação, e busquei um profissional conhecido por levar em conta sua experiência dentro da prática somado a sua profissão. (PJ12)”

Em relação as fontes de informação apresentadas pelos entrevistados e suas formas de obtê-las, Wilson e Walsh (1996) elencam que as variáveis pessoais, educacionais, emocionais, demográficas, ambientais, econômicas, sociais e interpessoais, alteram a forma com que os indivíduos realizam a busca. Isso ficou evidente em como se destoa quando o próprio PJ10 justifica que seleciona o tipo de informação relevante para ele “por conta da minha formação”, enquanto o PJ2 disse que apenas “joguei no Google e caí em alguns sites” e o PJ12 disse ter “aberto os primeiros sites e os que já conhecia”. As diferenças que todas essas variáveis podem exercer são expressivas, sobretudo em uma população com diferentes níveis de escolaridade, dentro do tatame estão pós-graduados, treinando ao lado de pessoas que não possuem o ensino fundamental completo, durante o treino o que vale é a graduação das faixas, porém, sobre a recuperação de lesões, que foi a necessidade de informação sobre saúde mais presente, o conhecimento acadêmico e outras variáveis podem trazer uma grande diferença em como será o tratamento, podendo favorecer a prática, deste modo.

“Perguntei para meu irmão que é médico e pesquisei no Google mesmo, sites de saúde que tem o CRM do médico, e consulto depois o CRM do médico e seus artigos científicos. (PJ3)”

“Me baseio no currículo da pessoa e em sua experiência para buscar ao invés da internet, não utilizo informações de forma passiva. (PJ5)”

“Primeiramente eu fui no médico, ele passou alguns remédios mas tomei só alguns, com a constância da dor eu busquei tratamentos alternativos na internet, no Google e no YouTube e procurei ver a postura, se o médico me passava segurança e os comentários das pessoas que adotaram o tratamento apresentado. (PJ7)”

Uma hipótese levantada durante a análise, foi que o critério de avaliação relativo as fontes de informação, em alguns casos, mostrou-se mais rígido com os profissionais de saúde pessoalmente, do que quando recuperadas por meio da internet, visto que alguns participantes relataram até mesmo a checagem do número do CRM dos médicos e outro a checagem do currículo: “eu consulto o próprio CRM

pra saber realmente se o cara é médico, que aí eu tenho mais ou menos uma segurança”, disse o PJ3. A checagem do profissional foi mais mencionada que a checagem da fonte que embasava os sites recuperados nas buscas, algo que pode trazer danos a saúde, como no caso do PJ7 que afirmou não ter seguido a conduta médica indicada pelo profissional que o examinou, pelo médico “não ter passado segurança”, optando por procurar tratamentos alternativos e avaliando se as pessoas que seguiram essas receitas apresentaram melhora com base nos comentários nos sites de informação. Choo (2006) falou sobre esses critérios de verificação da informação, e nesse caso apresentado do PJ7, a relevância da informação recuperada pelo atleta pode ser caracterizada como subjetiva, uma vez que dependeu de seu próprio julgamento e pouco tinha a ver com verificação da confiabilidade dos documentos recuperados em si e as informações que o médico lhe passou.

Quando inquiridos sobre a existência de dificuldades ou barreiras para extrair as informações que os praticantes necessitavam, os mesmos afirmaram em parte, não terem tido dificuldades para encontrar informação sobre saúde na internet, outros praticantes, porém, que possuíam maior critério para seleção das informações, apontaram como barreira a falta de qualidade das informações recuperadas.

“Dificuldade dentro do google em encontrar informação com uma qualidade melhor, somente nas páginas mais avançadas (PJ3)”

“Encontrei muitas informações iguais e muito rasas, e nenhuma me respondia (PJ12)”

Essas barreiras, foram destacadas por Wilson (1981), sobretudo a indisponibilidade de informações e ainda, as informações incompletas, queixa dos dois participantes acima. Associando as diversas respostas sobre o domínio apresentado pelos participantes nota-se que para comprovar esse domínio da sobre a recuperação de informações na internet, seria interessante um modelo da CI para aferir o nível de literacia em saúde, visto que durante as entrevistas foi possível notar um certo polimento dos participantes. Dando a entender, assim, que algumas respostas, por mais que respondidas de forma sincera, podem não representar a realidade das dificuldades encontradas por cada indivíduo, visto que é comum que apareça durante a busca, dificuldades para a recuperação de publicações confiáveis, revisada por pares, como o alto custo do acesso de artigos pagos e os idiomas diferentes das publicações. Contudo, ao contrário do esperado, essas dificuldades

comuns não foram barreiras apresentadas pelos entrevistados, portanto como Gil (2008) ressalta, isso pode ter sido uma limitação de utilizar a entrevista como método de coleta, pois por razões conscientes ou inconscientes, os entrevistados podem ter polido suas respostas.

“Não, na internet tem tudo hoje né, tem fóruns, que tem várias opiniões e dúvidas sobre o mesmo assunto. Só quando é algo pra por em pratica que vou a um profissional (PJ1)”

“Não tive dificuldades (PJ2)”

“Não, a informação é muito aberta, onde tem uma gama de movimentos, com muitas pessoas dispostas a te ensinar. As limitações são limitações físicas pessoais. (P4)”

“Não enfrentei dificuldades. (PJ5)”

“Não encontrei dificuldades, visto que sou fisioterapeuta compreendi tudo que o médico quis dizer. (PJ6)”

“Quanto a internet não tive dificuldades. Minha dificuldade foi o método de tratamento ineficaz que um médico da rede pública me deu, se ele tivesse me passado o que eu pesquisei, minha dor teria aliviado a mais tempo. (PJ7)”

“Não tive uma dificuldade em si, mas tive que lidar com a divergência de opiniões e testar em mim mesmo. (PJ8)”

Acerca dessa ausência de barreiras, cabe-se ressaltar ainda, que pode ter ocorrido uma deficiência inicial em identificar se realmente as necessidades de informação iniciais estavam sendo supridas com a busca, como Choo (2006) afirmou que satisfazer essas necessidades, extrapolava a percepção das dificuldades dos indivíduos. Sendo assim, repletos de incertezas e dúvidas, sobre a informação inicial procurada, os praticantes acabam atribuindo valor a informação na qual tem significado para eles, como afirmado pelo autor, julgando assim uma ausência de dificuldades na recuperação de informações. Portanto, a busca finda-se por desdobrar-se em um envolvimento intelectual pleno do indivíduo segundo Le Coadic (1996) e Choo (2006), carregado de suas experiências anteriores e partindo para aplicação sobre a realidade dos praticantes.

4.2.3. *Uso da informação*

Ao serem indagados sobre a aplicação das informações recuperadas, e qual o

fim do uso da informação tomou sobre a realidade dos praticantes de jiu-jitsu, os entrevistados quase em unanimidade responderam que decidiram buscar um profissional especializado antes de adotar práticas sugeridas na busca, com exceção do PJ7 e PJ8, que tomaram a decisão de aplicar a informação recuperada diretamente em seu corpo, antes de consultar um profissional, no caso do PJ7 por já ter ido ao médico anteriormente.

“Apliquei método de medicina alternativa. (PJ7)”

“Após a busca, decidi testar para ver se as informações buscadas se aplicavam ao meu biotipo, percebi que eu precisava me alimentar melhor, percebi que eu precisava descansar bem para não ter um overtraining. (PJ8)”

Apesar do uso da informação ter objetivo de trazer solução para o problema inicial, expresso por meio das necessidades de informação, ainda que o processo se repita e retorne as buscas, as vezes fora da internet, o praticante já alterou seu estado de conhecimento, como abordado por Belkin (1980). A própria alteração do estado de conhecimento já permite que o indivíduo enxergue sua limitação de busca, e passe a possuir necessidades de informação mais concretas. Portanto, a etapa final do processo de busca de Carol Kuhlthau (1991), que traz elucidação, pode retornar ao início, trazendo incerteza e insegurança sobre a aplicabilidade da informação recuperada, como pode-se notar em algumas respostas abaixo:

“Primeiro eu pesquiso depois eu vou no profissional da área (PJ1)”

“Após a busca decidir procurar um endocrinologista, e mantive uma alimentação balanceada após ir ao nutricionista. (PJ2)”

“Após sentir que a pesquisa era rasa, fui confirmar as informações com meu irmão médico, e após essa busca vi que o Messi, também tinha esse problema e fui atrás de um nutricionista, mas só segui as dicas do meu irmão (PJ3)”

“Pedir para o mais graduado me ensinar {a fazer os movimentos de forma correta para evitar lesões}, não necessariamente um faixa preta, mas qualquer um que saiba ensinar o movimento do forma satisfatória (PJ4)”

“Após buscar, procuro sempre um profissional da área e aplico o que ele fala. (PJ5)”

“Procurei fazer fisioterapia e fortalecimento para não me lesionar novamente (PJ6)”

“Procurar um nutricionista e um endocrinologista (PJ10)”

“Após ser proibido de praticar por um médico geral, decidi conferir a informação com um médico do jiu-jitsu e passei a adotar as recomendações dele. (PJ11)”

“Fiquei mais tranquila, após a busca. Comecei a exercitar mais meu dedo com exercícios sem medo de agravar mais. Fiz fisioterapia. (PJ12)”

Choo (2006) caracteriza o processo de busca e uso como dinâmico e socialmente desordenado, sabendo disso, foi notável que a maioria dos praticantes durante o uso necessitou repetir o processo de busca, mas agora, na visão dos praticantes, com pessoas que já realizaram esse tipo de busca anteriormente, em que o autor ressalta como forma situacional onde o indivíduo utiliza a informação que dentro de seus aspectos sociais mais lhe parece relevante para suprir suas necessidades. Os atletas aparentaram temer usar a informação diretamente, apesar de não possuírem critérios rigorosos para selecionar as fontes de informação, durante o uso evidenciou-se que as necessidades ainda não estavam concretas, por esse motivo tornou-se necessário repetir o ciclo e selecionar ou descartar as informações, com base nas considerações de Choo (2006) sobre a importância da relevância para o critério de verificação e também representado pelo autor em seu modelo na *figura 5*

Compreendendo que durante a aplicação das informações recuperadas na busca, surge essa necessidade de repetir os ciclos de necessidade-busca-uso, os participantes da pesquisa afirmaram concretizar esse uso ao aplicar as condutas que os profissionais da saúde passavam. Partindo assim, em outro momento, para mudanças na prática do jiu-jitsu, representado nos dois últimos quadros no modelo conceitual *figura 8*, ressaltando aqui a resposta do PJ6 que afirmou ter feito fisioterapia e fortalecimento para não se lesionar novamente e também do PJ12, que relatou sentir mais segurança após buscar e aplicar os exercícios sem medo de agravantes, na aplicação também, da fisioterapia.

O uso envolve diretamente a tomada de decisão, a aplicabilidade na vida de quem buscou e recuperou a informação, Segundo Choo (2006), ao estabelecer quais são as informações pertinentes dentro de um espaço amplificado, o indivíduo modifica o seu modo de agir, apresentando assim, soluções para problemas que o atingiram anteriormente. Com isso, após passar por ciclos dinâmicos e desordenados os praticantes atingiram seus objetivos e solucionaram os problemas iniciais. Quando

perguntados se de fato esse uso das informações recuperadas, teria sanado as necessidades de informação sobre saúde, com unanimidade, obteve-se as seguintes respostas:

“Sim, foram sanadas. Hoje sei que o me falta é ir ao um endocrinologista para averiguar e efetuar uma necessidade de reposição hormonal. (PJ2)”

“Sim, foram completamente sanadas, hoje já consigo treinar sem problemas (PJ3)”

“Sim, quando não são sanadas eu repito a busca ou apresento um feedback para o profissional que está me acompanhando, para adequar de uma forma melhor a minha situação (PJ5)”

“Sim, consegui resolver meu problema após me consultar com o médico (PJ6)”

“Sim, hoje estou curado, minhas dores pararam e consegui retornar a treinar (PJ7)”

“Sim, com certeza. Após descobrir isso me sinto melhor inclusive fora do tatame, consigo não ficar mais desconfortável em lugares cheios. (PJ9)”

“Na internet eu não achei que foi sanada de fato, mas quando conversei com fisioterapeuta sim. (PJ12)”

Quando os praticantes foram questionados se sentiram que os novos conhecimentos sobre saúde impactaram em sua forma de treinar jiu-jitsu, todos responderam que mudaram alguma atitude dentro do tatame, muito se foi falado sobre a alteração de posições⁵, sobre o aumento ou diminuição da intensidade do treino e a diferença, na vida pessoal dos praticantes.

“Sim, por treinar sempre lesionado, procuro uma orientação de como proteger as lesões durante o treino, e ao sentir um incomodo já não faço mais o movimento “não vou ficar dando murro em ponta de faca, prefiro mudar minha forma de lutar (PJ1)”.

“Sim, procurei me atentar as posições, não deixar a mão espalmada, aprender a cair, fazer pegadas e observar até a posição do kimono, que foi motivo de outra lesão. Isso me fez até

⁵ No Jiu-jitsu a luta se inicia em pé, mas ocorre a maior parte do tempo no solo, por isso a expressão “fazer um rola”, assim um adversário fica por cima tentando chegar à lateral do oponente para progredir na luta e pontuar, chamado de “passador” e o outro fica por baixo, fazendo algum tipo de guarda, com objetivo de finalizar ou inverter a posição, para também ganhar pontos e progredir na luta, chamado de “gardeiro”. É importante frisar que nenhuma das posições pode ser considerada como melhor que a outra, porém é importante que o praticante exercite e aprenda jogar nas duas posições, sabendo se defender e assim evitando alguns tipos de lesões características, como entorses de joelho, fratura dos dedos, entre outras.

evoluir no jiu-jitsu. (PJ6)”.

“Com certeza, após somar as informações com minhas vivências, passo a treinar e repetir com o conhecimento novo que passei a possuir. (PJ5)”.

“Sim, teve uma grande diferença, hoje eu pratico um esporte bem mais coerente e de forma mais profissionalizada (PJ8)”.

Ao passar pelo processo do comportamento informacional e compreender os acontecimentos anteriores que desencadearam suas lesões, é possível enxergar que os praticantes incorporaram novos conhecimentos aos pré-existentes. Com a tarefa de completar, trazida por Kuhlthau (1993), a adição de novos conhecimentos mostra, segundo a percepção dos entrevistados, uma “prática mais profissionalizada”, afirmada pelo PJ8 e evolução no nível de jiu-jitsu pelo PJ6. É interessante enfatizar a resposta do PJ5, que afirmou somar as informações com as vivências trazidas pelo longo tempo da prática, e a as respostas do PJ1 e PJ6 que optaram por alterar movimentos para não repetir lesões, atentando-se aos sinais de incomodo do corpo e as formas de posicionamento dos membros, a fim de protegê-los.

Pautando-se no pensamento de Choo (2006) foi possível observar as soluções para os problemas apresentados por cada indivíduo, iniciando sua aparição nas respostas dos mesmos. Por meio do processamento e seleção das informações, tornou-se possível para esses praticantes, a identificação no momento da luta, de situações que poderiam ser lesivas, alterando assim, sua forma de realizar movimentos inerentes à prática. A amostra PJ2, afirmou não ter alterado a forma de treinar, quanto a alteração de posições, porém, diante de sua limitação de idade, a solução que o atleta aplicou, após o contato com as informações, foi se empenhar mais no treinamento, para ir além do seu cansaço. Já a amostra PJ3 de forma oposta, achou a solução em diminuir a intensidade inicialmente, para controlar seu ritmo e conseguir lutar sem passar mal.

“Não impactou na forma de treinar em si, mas me fez me manter com mais gana nos rolas ainda que cansado, visto as limitações que possui (PJ2)”.

“Sim, principalmente na hora do rola, quanto mais eu colocava intensidade, pior ficava pra mim, então aprendi a controlar meu ritmo e hoje já até me sinto mais condicionado a aumentar essa intensidade (PJ3)”.

“Sim, com certeza. Eu aprendi a usar a arte suave ao meu favor, no início eu usava muita força nos rolas, já hoje procuro usar mais a mente e aplicar a fisiologia {biomecânica} adequada do movimento e ter atenção muscular no lugar de força bruta (PJ4)”.

“Sim, mudei meu treino, antes jogava por cima e costumava pular e girar bastante hoje procuro jogar mais por baixo, na guarda, fazendo uma defesa, mas com ataque, porque não preciso me movimentar tanto e correr o risco de deslocar novamente. Após iniciar a prática do jiu-jitsu senti uma mudança muito grande no meu corpo e na minha autoestima e autoconfiança (PJ7)”.

“Sim, eu sabia que quanto mais dificuldade eu passasse no treino, mais eu iria melhorar minha respiração e minha claustrofobia, então passei a não priorizar só jogar por cima, tanto por cima quanto por baixo eu passei a me sentir confortável (PJ9)”.

“Sim, em virtude da minha alteração da nutrição, hoje sinto minha energia para rolar bem mais alta (PJ10)”.

“Sim, o médico disse que eu poderia voltar a treinar, me indicou um modo de treinar e eu passei a fazer, que era que eu não deveria mais ser guardeiro ou investir em coisas de guarda, como a de la riva que eu gostava de fazer, mas eu voltei a treinar e tive que aprender jiu-jitsu de novo” {jogando por cima} (PJ11)”.

“Totalmente, quanto aos machucados que tive me ensinaram a ser mais consciente, como interferia na minha vida pessoal, aprendi a no treino a bater mais cedo e não forçar tanto na pegada. Após ir a fundo com os artigos científicos que busquei, foi muito legal, porque me trouxe informações que ajudam a mim e a minha equipe. De vez em quando o mestre pede para puxar alongamento, as pessoas vêm tirar dúvidas. E hoje vejo em como o alongamento me permite fazer movimentos que eu não conseguia fazer antes (PJ12)”.

Conforme apresentado acima encontram-se todas as respostas coletadas sobre os impactos que o uso da informação teve diretamente na prática do jiu-jitsu, de forma individual sobre cada praticante. Com isso é possível perceber que apesar de semelhantes e inseridos em uma população com diversos interesses em comum, o processo do comportamento informacional é diferente para cada indivíduo. A forma que percebem suas necessidades, recorrem a busca e utilizam a informação, tem uma enorme variação, porém, atende particularmente a cada praticante. É interessante a forma como além do tatame, o emprego das práticas informacionais permitiu um ganho na vida pessoal dos praticantes, como relatado pelo PJ7 que afirmou ter sentido uma alteração no corpo, na autoestima e na autoconfiança, pelo PJ9 que afirmou ter

sentido melhora em sua claustrofobia e ainda pela PJ12 que parou de ter lesões que atrapalhavam sua vida laboral e finalizou seu processo de busca compartilhando informações e práticas de alongamento com os colegas, promovendo uma melhora no ambiente de treino.

Com a presente pesquisa foi notável a importância da informação para a promoção da saúde dos praticantes. Ainda que pareçam distantes da literacia em saúde, com o emprego de suas práticas, os participantes da pesquisa se mostraram satisfeitos com os resultados obtidos. Suas necessidades estavam direcionadas primariamente em recuperação e prevenção de lesões, conciliação da prática do jiu-jitsu com alguma patologia pré-existente ou adquirida por conta da prática e o ganho de performance.

Durante o caminho que percorreram, foi marcante a preocupação que os praticantes tinham para o caso de precisar interromper a prática, por conta de alguma lesão ou patologia, mas também, foi marcante o entusiasmo e a satisfação com que os entrevistados responderam em como todo esse processo de comportamento informacional ao ser levado para a prática, fazia sentido e era capaz de trazer resultados para o dentro do tatame.

No tocante às necessidades e comportamentos de busca e uso da informação de praticantes de jiu-jitsu, a *figura 9* apresenta a relação entre os objetivos alcançados da pesquisa e as perguntas pré-definidas pelo roteiro.

Figura 9 – Relação entre objetivos e perguntas do roteiro

Objetivo	Instrumento de coleta	Questões correspondentes aos objetivos
Caracterizar, fundamentado na literatura, comportamentos de busca, acesso e uso da informação;	Levantamento de literatura	Objetivo alcançado anteriormente às entrevistas, por meio da revisão de literatura.
Investigar necessidades e comportamentos de busca, acesso e uso da informação de praticantes de jiu-jitsu no DF no tocante à saúde esportiva;	Entrevista semiestruturada	1; 2; 3; 4; 5; 6; 7.
Identificar relações entre os comportamentos informacionais e a saúde esportiva ao longo da prática de jiu-jitsu.		8.

Fonte: Elaboração própria.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado teve o intuito de compreender como os praticantes de jiu-jitsu do DF buscam, acessam e utilizam informações. Por meio dos objetivos específicos, a pesquisa em um primeiro momento se constituiu de um levantamento de literatura, com o fim de integrar o campo do comportamento informacional da ciência da informação, com áreas da saúde. Em seguida, por meio de entrevistas semiestruturadas, coletou-se dados para verificar quais eram as necessidades de informação sobre saúde dos praticantes de jiu-jitsu e como eles buscavam, acessavam e utilizavam, essas informações.

Sobre a literatura, foram levantados diversos textos sobre comportamento informacional, bem como, sobre literacia em saúde. No entanto, houve dificuldades em recuperar documentos que integrassem a área da saúde com a da CI. Essa dificuldade pode ter sido por conta da limitação de pesquisa, onde os estudos levantados foram recuperados apenas nos idiomas inglês e português. Entretanto recuperou-se estudos em boas revistas uma delas com Qualis A1. Chamou a atenção o artigo de Cobus (2008), onde a autora estabelece diretrizes para bibliotecários promoverem a literacia em saúde por meio de uma parceria com instituições médicas.

Relacionado a isso, de início já foi possível notar a falta de literacia em saúde da maioria dos praticantes de jiu-jitsu entrevistados. Uma limitação da pesquisa foi não ter sido acompanhada de um teste de literacia quantitativo, já que quando perguntados sobre os critérios de buscas empregados os participantes afirmavam serem rigorosos com esses critérios, mas ao decorrer da pesquisa, demonstravam contradições e métodos de busca mal definidos e insuficientes que foram empregados. Houve relatos de verificação da fonte por meios empíricos, avaliando a qualidade de informação compartilhada por um médico, apenas por ele passar segurança com sua fala. No entanto houve outros participantes que especificaram bem seus métodos de verificação, alguns com consultas ao currículo do médico que transmitia a informação e outros com análise se a publicação era revisada por pares. Para a aplicação das informações recuperadas houve uma certa resistência, ressaltando o medo que alguns participantes afirmavam ter de necessitar interromper a prática do jiu-jitsu, caso o uso de informação, pudesse gerar algum dano maior a saúde.

Observou-se que as necessidades de informação no tocante à saúde dos praticantes de jiu-jitsu do DF derivaram de sentimentos de dor e incertezas, assim, os participantes da pesquisa mostraram que se preocupavam em descobrir meios para reduzir ou curar lesões, conviver com outras patologias e ainda assim continuar treinando jiu-jitsu e melhorar a performance nos treinos e competições.

Em última análise, cabe ressaltar que os comportamentos informacionais sobre saúde empregados, surtiram efeitos na alteração da forma de praticar o esporte, segundo a resposta dos participantes. Apesar de ser um pesquisa qualitativa e olhar de uma forma mais completa para as amostras, durante a pesquisa, houve a tentativa de não se ater ao perfil pessoal dos participantes em questão que extrapolavam o tema da pesquisa. Embora Wilson (1989) tenha indicado a importância, para a total compreensão do comportamento informacional dos participantes, de olhar para o ambiente que se inserem, os sentimentos envolvidos e as barreiras que atrapalham obter informações. Deste modo essa torna-se a primeira sugestão para estudos futuros, sendo elas:

- Realizar estudo de caso sobre o comportamento informacional relacionado a saúde e automedicação;
- Realizar estudos com a mesma população, aferindo os níveis de literacia com testes desenvolvidos em parcerias entre profissionais da informação e da saúde, com o cruzamento de dados qualitativos x quantitativos;
- Realizar estudo com a mesma população, para verificar como os praticantes lidam com as *fake news*, informações/notícias falsas, como exemplo de alimentos milagrosos que prometem curar ou prevenir doenças.

6. REFERÊNCIAS

BARROS, D. S. **Dimensões metacognitivas no comportamento de busca da informação: estudo de usuário no Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM)**. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2008.

BELKIN, N. J. Anomalous States Of Knowledge As A Basis For Information Retrieval. **Canadian Journal of Information and Library Science**, v. 5, p. 133-143, 1980.

BETTIOL, E. M. Necessidades de informação: uma revisão. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 18, n. 1, 1990

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões**. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2006.

COBUS, L. Integrating information literacy into the education of public health professionals: roles for librarians and the library. **Journal of the Medical Library Association: JMLA**, v. 96, n. 1, p. 28, 2008.

CRESPO, I. M. **Um estudo sobre o comportamento de busca e uso de informação de pesquisadores das áreas de Biologia Molecular e Biotecnologia: impactos do periódico científico eletrônico**. 2005.

CRESPO, I. M.; CAREGNATO, S. E. Comportamento de Busca de Informação: uma comparação de dois modelos. **Em questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 271-281, jul./ dez. 2003.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRUZ, F. W. et al. **Um modelo para mapeamento de necessidades e usos de informação musical**. 2011.

ELLIS, D. A behavioral model for information retrieval system design. **Journal of Documentation**, v. 45, n. 3, p. 171-212, 1989.

FIGUEIREDO, N. M. Aspectos especiais da estudos de usuários. **Ci. Inf.**, Brasília, 12(2): 43-57, jul./dez. 1983.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de saúde pública**, v. 24, p. 17-27, 2008.

GASQUE, K. C. G. D.; COSTA, S. M. S. Evolução teórico-metodológica dos estudos de comportamento informacional de usuários. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 39, n.1, p. 21-32, jan./abr., 2010.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

IBJJF. **Graduation system**. 2012. Disponível em: <<https://ibjif.com/graduation-system>>. Acesso em: 17 de out. de 2020

KUHLTHAU, C.C. Inside the search process: Information seeking from the user's perspective. **Journal of the American society for information science**, v. 42, n. 5, p. 361-371, 1991.

LE COADIC, Y. F. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. **Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos**, v. 2, p. 10, 2004.

MARTINEZ-SILVEIRA, M.; ODDONE, N. Necessidades e comportamento informacional: conceitos e modelos. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 36, n. 1, p. 118-127, maio/ago. 2007.

MORETTI, F. A.; OLIVEIRA, V. E.; SILVA, E. M. K.. Acesso a informações de saúde na internet: uma questão de saúde pública?. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 58, n. 6, p. 650-658, 2012.

PADILHA, D. A.; IDE, B. N. Possíveis lesões decorrentes da aplicação das técnicas do jiu-jitsu desportivo. **Lecturas: Educación física y deportes**, n. 83, p. 20, 2005.

PINTO, E. M. **Informação e transgeneridade: o comportamento informacional de mulheres transgêneras e as percepções da identidade de gênero**, Brasília, 2018.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 Ed. Editora Feevale, 2013.

QUEMELO, P. R. V. et al. Literacia em saúde: tradução e validação de instrumento para pesquisa em promoção da saúde no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, p. e00179715, 2017.

SADASIVAM, R. S. et al. Internet health information seeking is a team sport: analysis of the Pew Internet Survey. **International journal of medical informatics**, v. 82, n. 3, p. 193-200, 2013.

SARACEVIC, T. Information Science: : origin, evolution and relations. In: CARDOSO, A. M. P. (Trad.) **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996

SILVA, J. L. C. **Necessidades de informação e satisfação do usuário: algumas considerações no âmbito dos usuários da informação.** InCID: R. Ci. Inf. e Doc., Ribeirão Preto, 2012.

SOARES, M. C. Internet e saúde: possibilidades e limitações. **Textos de la CiberSociedad**, n. 4, p. 3, 2004.

TABOSA, H. R.; PINTO, V. B. Caracterização do comportamento de busca e uso de informação na área da saúde: o modelo de Ellis aplicado ao estudo do comportamento informacional de pacientes **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.26, n.2, p. 225-238, maio/ago. 2016

WILSON, T. D. On user studies and information needs. **Journal of Documentation**,37(1):3-15, 1981.

WILSON, T. D.; WALSH, C. **Information behaviour: an interdisciplinary perspective.** Sheffield: Department of Information Studies, 1996.

WILSON, T. D. Human information behavior. **Informing science**, v. 3, n. 2, p. 49-56, 2000.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (OMS), **Health promotion glossary**, World Health Organization, Geneva. 1998.

7. Apêndice – Relatório de entrevista semiestruturada

Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Ciência da Informação – FCI
Graduação em Biblioteconomia
Monografia em Biblioteconomia e Ciência da Informação
Prof. Me. Elton M. Pinto
Discente: Jorge Quintiliano

RELATÓRIO DE ENTREVISTA

Nome:
Data de nascimento:
Sexo:
Tempo de Prática:
Graduação:

NECESSIDADE DE INFORMAÇÃO

- 1) Desde o momento em que você iniciou a prática de jiu-jítsu até hoje, quais foram às necessidades de informação (temas, assuntos, dúvidas) que você teve sobre saúde?
- 2) Dessas necessidades de informação sobre saúde, quais foram as mais relevantes? E você se lembra de algum momento marcante no tocante a essas necessidades?

BUSCA DA INFORMAÇÃO

- 3) Para atender às necessidades de informação sobre saúde onde você buscou?
- 4) Quais estratégias/meios de busca foram empregadas?
- 5) Quais as dificuldades/barreiras encontradas ao longo das buscas?

USO DA INFORMAÇÃO

- 6) Após as buscas, quais foram às finalidades do uso da informação?
- 7) Após utilizar as informações recuperadas, as suas necessidades de informação sobre saúde foram sanadas?
- 8) Após o uso, você sentiu que os novos conhecimentos sobre saúde impactaram na forma como você pratica jiu-jítsu?

